

The background image shows a man in a blue vest with 'PRESS' written on it, being held back by several people in blue uniforms. The man has a pained or shouting expression. The word 'PRESS' is also visible on a yellow sash on the left. The title 'Contraponto' is at the top in large white letters, with a red 'C' logo. Below it, the journal's name and affiliation are listed. At the bottom, there is a headline in Portuguese and a sub-headline in green.

# ontraponto

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO

Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes – PUC-SP

ANO 25 Nº 145 Setembro/Outubro 2025

## “Mas a gente soube”

### A estratégia de silenciamento em Gaza

Assassinatos de jornalistas expõem ataques  
contra a imprensa

# Editorial

## Precisamos estar atentos aos gestos e cliques

Em uma das manifestações que parou grande parte do Brasil e reuniu milhares de olhares, corações e vozes, relíquias da velha guarda se juntaram para entoar em alto e bom tom que é preciso estar atentas, atentos e fortes para o que está acontecendo. Há um tempo, vivemos uma corrente de tentativa de derrubada sobre aquilo que já havia sido conquistado pelo povo: as democracias – o direito à diferença e a credibilidade de um país firme que se apoia, ainda que enfrente muita desigualdade.

Do outro lado do mundo, mas nem tão distante, um recorde brutal ganha os noticiários: 246 jornalistas foram mortos enquanto exerciam o seu trabalho. Um número que somados 20 anos não se compara. É o maior da História. E o que isso significa? Nós, corajosos contadores de histórias e crentes da corrente calorosa da informação, levamos, na nossa maior capacidade, a realidade de um povo para o mundo; as verdades que vemos e ouvimos. E quando somos impedidos de fazer essa ponte, algo está fora do quebra-cabeça. O direito ao conhecimento e à informação se desviam pelas ruas sangrentas que não vemos mais, porque as lentes que nos mostravam não têm mais vida.

Enquanto ainda somos cobertos por uma camada que reconhece a liberdade de imprensa, nossos amigos democráticos “acima de nós” não sentem mais o mesmo gosto. Onde foi parar a liberdade? Hoje ela se estampa como supremacia pelos ditos políticos que sabem fazer o seu melhor: brincar com as palavras escritas em um pequeno livro de grande relevância: a Constituição.

É a hora de alertar os desacordados. Seis em cada dez países ficaram mais rígidos em relação à independência dos jornais neste ano. Não temos tempo de temer apenas a morte, mas a covardia de quem brinca com o direito do povo – a fria ação de quem está por trás das telas se cobrindo de “evidências”.

### PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

**Reitor** Prof. Dr. Vidal Serrano Nunes Júnior  
**Vice-Reitora** Profa. Dra. Carla Reis Longhi  
**Pró-Reitor de Pós-Graduação** Prof. Dr. Antonio José Romera Valverde  
**Pró-Reitor de Graduação** Prof. Dr. Flávio Mesquita Saraiva  
**Pró-Reitora de Planejamento e Avaliação Acadêmicos** Prof. Dra. Mônica Muniz Pinto de Carvalho  
**Pró-Reitor de Educação Continuada** Prof. Dr. Paulo Sérgio Feuz  
**Pró-Reitora de Cultura e Relações Comunitárias** Profa. Dra. Myrt Thânia de Souza Cruz  
**Chefe de Gabinete** Dr. Leonardo Florencio de Carvalho

### FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES (FAFICLA)

**Diretor** Prof. Dr. Fabio Cypriano  
**Diretora Adjunta** Profa. Dra. Diana Navas  
**Chefe do Departamento de Comunicação** Prof. Dr. Alécio Rossi Filho  
**Vice-chefe do Departamento de Comunicação** Profa. Dra. Vânia Penafieri de Farias  
**Coordenador do Curso de Jornalismo** Prof. Dr. Fábio Fernandes da Silva  
**Vice-coordenador do Curso de Jornalismo** Profa. Dra. Vanessa de Souza Oliveira

### EXPEDIENTE CONTRAPONTO

**Editora Responsável** Anna Flávia Feldmann  
**Editora Assistente** Anna Cândida Xavier  
**Secretário de Redação** Khauan Wood  
**Fotografia** Livia Soriano  
**Mídias Sociais** Isabela Fabiana, Nicole Domingos e Luis Henrique Oliveira  
**Assistente de Produção** Giuliana Zanin

#### Editorias

**Cultura e Entretenimento**  
Giovana Laurelli e Amanda Campos

**Esportes** Nathalia de Moura e Gabriel Ayres

**Internacional** Pedro Bairon e Julia Naspolini

**Moda** Gabriela Jacometto

**Política** Artur Maciel e Letícia Falaschi

**Ambiental** Vítor Nhoatto

**CopyDesk** Alice Di Biasi, Ana Pires, Beatriz Alencar, Esther Ursulino, Isabelli Albuquerque, Julia Berkovitz, Larissa Pereira, Laura Paro, Maria Eduarda Frazato, Melissa Joanini e Sophia Pietá

**Checagem de Fatos** Annanda Deusdará, Fabiana Caminha, Julia Sena, Luane França, Maria Eduarda Cepeda e Pedro Premero

**Ombudsman** Fábio Fernandes da Silva

**Comitê Laboratorial** Cristiano Burmester, Diogo de Hollanda, Maria Angela Di Sessa, Pollyana Ferrari e Vanessa de Souza Oliveira

**Fotografia de capa** Jehad Alshrafi

**Projeto e diagramação** Alline Bullara

**Contraponto** é o jornal-laboratório do curso de Jornalismo da PUC-SP.

Rua Monte Alegre, 984 – Perdizes

CEP 05014-901 – São Paulo/SP

Fone: (11) 3670-8205

Ed. Número 145 – Setembro/Outubro de 2025

*Os textos publicados nesta edição não refletem necessariamente a opinião de todo o corpo editorial do Jornal Contraponto. As reportagens são laboratoriais, produzidas por estudantes do curso de Jornalismo da PUC-SP, e visam estimular o debate sobre os assuntos mais relevantes da conjuntura nacional e mundial.*

## Política

A infância na vitrine .....	4
Mulheres que consomem true crime: prevenção ou aumento da violência e do medo? .....	6
Restaurante Al Janiah finca bandeira da Palestina no coração de São Paulo .....	7



© Giuliana Zanin

## Internacional

“Mas a gente soube”: A estratégia de silenciamento em Gaza .....	10
Esquerda fica fora do segundo turno na Bolívia .....	12
Bad Bunny resgata a autoestima de Porto Rico e afronta os EUA .....	13

## Ambiental

Mercado de carbono: não é dinheiro que se respira .....	14
Interesse x sobrevivência: como o Brasil enfrenta dilemas ambientais .....	16



© Sustainable Carbon Group

## Entretenimento e cultura

A onda retrô atingiu a maneira de ouvir música da geração Z .....	17
A importância do cinema como memória de uma época .....	18
O que acontece com a música popular brasileira quando seus ídolos se despedem? .....	20
Memorial Preta Gil: lembranças de uma vida sem medo .....	21
Exposição sobre Racionais MC's resgata a influência do rap na cultura e na representatividade da periferia .....	22
Entre amor e obsessão, conheça a cultura da Taylormania .....	24
O monstro queer sai do armário .....	25

## Esportes

Mirassol surpreende no ano de seu centenário .....	28
Copa América Feminina 2025 mostra descaso com o futebol feminino .....	30



© Reprodução/instagram/@duadasampaio10

## Crônicas e resenhas

As dores da prata .....	31
Você vai aprender a gostar de mim .....	32
Alien: Earth – Uma Expansão Televisiva	
Magistral da Franquia .....	33
Jesus, Silas e Jair: documentário exhibe o avanço da religião sobre a política .....	34

## Ensaio fotográfico

Cinemateca Brasileira .....	19
Centro Histórico de São Paulo .....	26
Manifestações de bolsonaristas no 7 de setembro .....	35

# A infância na vitrine

## Algoritmos, monetização e os riscos da exposição precoce na internet

Por Fernanda Dias, Giovanna Hagger, Isabelle Maieru, Manoella Marinho e Sophia Aquino

A adultização infantil não é novidade. Antes das redes sociais, a infância já vinha sendo colocada em uma vitrine. Crianças eram entretenimento nas propagandas da TV, nos concursos de beleza e nos programas de auditório. O que mudou não foi o fenômeno em si, mas a forma de abordagem e de consumo. Hoje, a produção de conteúdo ganhou intensidade e alcance, e o universo digital permite que uma única postagem atinja milhões de visualizações em poucos minutos.

A questão voltou a ganhar repercussão após o influenciador Felipe Carlos Bressanim Pereira, conhecido como Felca, produzir um vídeo que debate como crianças vêm sendo empurradas para participar da estética dos adultos. O que era uma prática isolada passou a ser pauta das redes sociais e chegando a debates políticos ganhou nome: adultização. Sua gravidade se tornou clara. Não se trata de um hábito cotidiano, mas de um problema estrutural e coletivo.

### A infância digital

As mídias sociais se consolidaram como espaços de entretenimento, mas também abriram portas para a adultização infantil e juvenil de forma banalizada. Plataformas digitais permitem a publicação de fotos e vídeos sem barreiras reais de idade. Embora termos de uso indiquem limites, é comum encontrar perfis de crianças em aplicativos destinados a públicos mais velhos.

Essa liberdade resulta em uma infância sem filtros. Meninos e meninas começam a performar comportamentos e linguagens diferentes das demais crianças. O algoritmo intensifica o processo, privilegiando conteúdos chamativos e de alto engajamento, muitas vezes sexualizados, mesmo quando não há essa intenção. Assim, danças ou dublagens inocentes podem viralizar por remeterem à sensualidade.

Em alguns casos, os vídeos são produzidos de forma propositalmente sexualizada. O caso de Carolyn Dreher é um exemplo extremo: aos 11 anos, publicava danças no TikTok, enquanto a própria mãe comercializava imagens da filha. Hoje, com 16 anos, Carolyn vive sob os cuidados da avó. O episódio expõe como a ausência de filtros e de acompanhamento familiar pode transformar uma simples brincadeira em exploração.

### Algoritmos, monetização, engajamento

As redes sociais são estruturadas para prender a atenção e estimular o consumo contínuo. Influenciadores lucram com engajamento, plataformas lucram com a publicidade. Mas o algoritmo não diferencia as postagens, aquilo que gera mais visualizações é privilegiado, inclusive postagens que sexualizam crianças.

Em entrevista ao **Contraponto**, Cristiane Sanches, especialista em inovação e tecnologia educacional na YDUQS, no Rio de Janeiro, alerta que o algoritmo “foi construído para privilegiar conteúdos que prendem o público, mesmo que sejam polêmicos, apelativos ou problemáticos”. Embora existam mecanismos de moderação, há um conflito de interesses: “justamente os conteúdos que deveriam ser barrados são os que mais lucram”.

A falta de letramento digital agrava o problema. Muitos pais permitem que filhos naveguem livremente, sem limites ou orientação. Sanches compara: “Na minha infância, quando comecei a andar sozinha

na rua, meus pais me guiavam. Nas redes sociais, é como se os pais largassem a criança sozinha na rua.”

Mesmo que ferramentas de inteligência artificial atuem na moderação de publicações, a filtragem ainda é vaga. Aplicada apenas após pressão legal. O resultado é um ambiente em que vídeos apelativos continuam a circular, gerando receita para as plataformas.

### Impactos psicológicos da adultização

A produção de conteúdo infantil geralmente nasce da inocência. No entanto, quando os vídeos caem nas redes, passam a ser interpretados de formas distintas por diferentes públicos. A música e a cultura pop funcionam como vetores poderosos da adultização: letras de duplo sentido e coreografias sexualizadas, criadas para adultos, são normalizadas e replicadas por crianças em “trends” virais.

Em entrevista ao **Contraponto**, a psicóloga Keila Parente explica o termo adultização: “Refere-se a expor crianças ou esperar que elas tenham comportamentos próprios do mundo adulto, como responsabilidades ou padrões de aparência”. A internet intensificou tanto o acesso quanto a produção de conteúdos inadequados, criando expectativas irreais e pressionando crianças a construir uma imagem baseada em comparações e busca por engajamento.

A especialista explica que o tripé “O que sou, o que faço e como sou visto” se torna central na infância digital. Uma postagem deixa de ser apenas uma brincadeira e passa a ser avaliada pelo número de curtidas e comentários. Essa lógica gera hipervigilância em relação ao corpo, levando à auto-objetificação, principalmente em meninas. O livro *A geração ansiosa*, de Jonathan Haidt, aponta que o uso intenso de redes entre pré-adolescentes de 10 a 12 anos é adoecedor e contribui para ansiedade, frustração e baixa autoestima.

Hytalo Santos e Kamylinha mostram como esse ciclo se intensifica. Ao reproduzirem músicas de duplo sentido em vídeos aparentemente inocentes, se tornam referência para o público infanto-juvenil, do qual imitam roupas, coreografias e poses adultizadas. O problema não está nas músicas em si, mas na ausência de filtro e cuidado, que expõe publicações a quem não deveria consumi-las, moldando diretamente a autoimagem em formação.

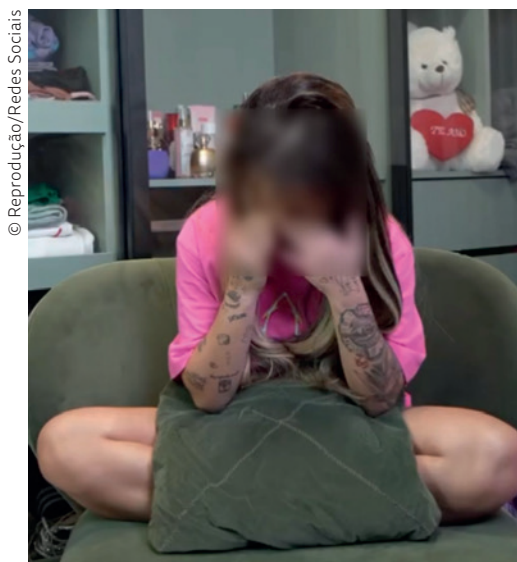


© Reprodução/Redes Sociais Hytalo Santos

**Influenciador Hytalo Santos acusado de adultização**

### Exposição saudável x exploração

A infância digital expõe uma delicada fronteira entre registros afetivos e exploração. Crianças aparecem em dancinhas, campanhas improvisadas ou canais de “unboxing” – vídeos em que elas abrem brinquedos diante das câmeras, testam funcionalidades e compartilham impressões em tempo real, quase como uma vitrine de consumo. Esse formato, extremamente popular entre o público infantil, muitas vezes mistura entretenimento com publicidade disfarçada, já que marcas enviam produtos para que sejam exibidos de forma naturalizada. Para especialistas, a diferença crucial está no propósito e no impacto da exposição. A psicóloga Carolina Oliveira explica: “O problema não é aparecer em uma foto de família no Instagram, mas quando a criança deixa de viver a infância para atender às demandas de produção de conteúdo, virando quase funcionária do algoritmo”.



© Reprodução/Redes Sociais

**Kamylinha fez seu pronunciamento após a prisão de Hytalo Santos por exploração de menores**

Enquanto alguns pais enxergam nas redes sociais uma oportunidade de registro afetivo, outros transformam a imagem da criança em um produto de alto valor de mercado. A sexualização precoce, a falta de limites e a busca incessante por engajamento levantam alertas. Mas há também famílias que encontram caminhos equilibrados – estabelecendo contratos internos, acompanhando com psicólogos e dando voz ativa às crianças em cada decisão.

O perfil da Laura, de 8 anos, ilustra práticas de exposição controlada: o canal administrado pela mãe apresenta regras claras e o direito da criança de dizer “não”. Outro exemplo é o de Patrícia Ferreira, que elaborou um contrato com a filha de 11 anos para definir limites de gravação, roupas adequadas e pausas sempre que necessário. Esses recursos funcionam como freios contra a lógica de mercado.

Há inúmeros casos em que a infância é usada como meio de gerar renda. Os canais de “unboxing” são emblemáticos. Contratos milionários com marcas, cronogramas rígidos e rotinas que pouco diferem do trabalho infantil. Segundo relatório da Common Sense Media, influenciadores mirins chegam a gerar rendas anuais superiores a 20 milhões de dólares, mas raramente há regulamentação sobre o destino desses valores ou sobre os impactos emocionais nas crianças.

A situação fica ainda mais grave quando atravessada pela sexualização precoce. Fotos em poses adultizadas, vídeos de danças sensuais, falas carregadas de duplo sentido colocam crianças em risco. A defensora pública Lívia Andrade é categórica: “A criança não tem maturidade para compreender os significados do que está reproduzindo. A responsabilidade é sempre do adulto”.

### A vulnerabilidade diante do crime digital

A adultização infantil contém um dos aspectos mais graves: a exploração criminosa. A internet é um terreno fértil para práticas como o *grooming*, em que adultos se aproximam de crianças por meio de manipulação e vínculos falsos com o objetivo de abuso.

O vídeo de Felca também revelou a existência de comunidades de pedófilos

organizadas no Instagram, que coletam e compartilham postagens de crianças. Vídeos inocentes de danças e brincadeiras eram capturados, recortados e redistribuídos em redes clandestinas sem que as famílias percebessem.

Os algoritmos, ao impulsionarem conteúdos de crianças, abrem caminho para que sejam capturados e explorados por criminosos. A ausência de fiscalização e a responsabilização insuficiente das plataformas deixam lacunas graves no combate à pedofilia online.

Keila Parente ressalta que esse cenário projeta expectativas irreais sobre as crianças e gera hipervigilância em relação ao corpo. “O que observo é que essa relação com o corpo e com a validação online reforça padrões de erotização, muitas vezes mascarados de inocência”.

A discussão sobre a adultização infantil nas redes não é apenas uma questão de liberdade digital. Trata-se de um problema, que envolve cultura, mercado, psicologia, segurança pública e responsabilidade familiar. Entre exposição saudável e exploração há uma linha tênue, e a lógica de engajamento das plataformas digitais tende a borrar essa fronteira cada vez mais.

Na ausência de regulamentações claras e efetivas, recai sobre famílias, educadores e sociedade civil em geral, o desafio de construir mecanismos de proteção que preservem a infância sem isolá-la do mundo digital. Garantindo que a criança seja vista como sujeito em desenvolvimento, e não como produto.

As produções digitais que beiram a adultização, ainda que não quebrem totalmente as regras, geram alto engajamento, e engajamento significa mais tempo de tela, mais lucro com publicidade. O resultado é uma moderação parcial, muitas vezes aplicada apenas após denúncias públicas ou pressão judicial.

A responsabilidade não pode recair apenas sobre as famílias, que muitas vezes estão despreparadas para lidar com este tipo de situação. Escolas, plataformas tecnológicas, órgãos reguladores e a própria sociedade também compartilham o dever de criar limites claros e de proteger o direito à infância. As crianças precisam passar pela educação digital desde cedo, pela criação e fiscalização de leis mais eficazes, além do incentivo ao consumo de conteúdos realmente seguros e pensados para a faixa etária.

# Mulheres que consomem *true crime*: prevenção ou aumento da violência e do medo?

Quando a tragédia de uma vida perdida vira roteiro e a dor de uma família se torna enredo

Por Annick Borges, Beatriz Manocchio e Chiara Renata Abreu

Nos últimos 5 anos, o mercado do audiovisual observou uma crescente em produções baseadas em crimes da vida real, os chamados *true crime*. A categoria se consolidou nos streamings estadunidenses, através de histórias bem roteirizadas que narram casos de extorção, assassinato e estupro, por exemplo.

Programas sensacionalistas brasileiros sempre usaram da violência como uma forma de atrair audiência a exemplo o “Aqui Agora” do SBT ou “Linha Direta” da Rede Globo, que mostram casos reais e suas simulações, investigações policiais em andamento e alcançaram grandes números no IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística). Programas como esses eram chamados de “jornalismo cão” por parte da grande mídia, já que focavam em apresentar violência extremamente gráfica e vítimas fragilizadas.

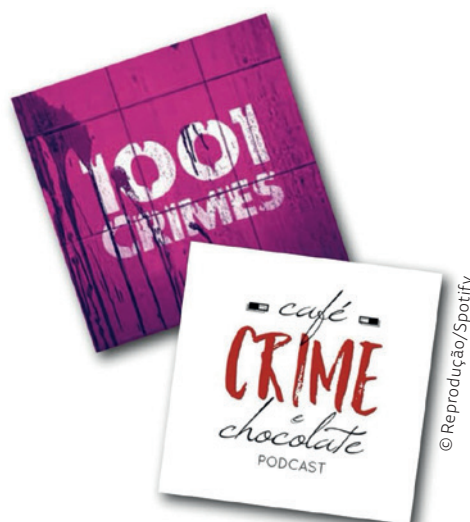
As narrativas sobre homicídio e outros delitos não são novidade. Na Bíblia, por exemplo, já existia uma história de assassinato: de Abel e Caim. Cenas violentas fascinam o ser humano há muitos séculos, como os espetáculos de gladiadores no Coliseu ou as execuções em praça pública – que eram comuns por todo o mundo até meados do século XIX. Posteriormente, o espetáculo sangrento apenas saiu de espaços comunitários para as telas dentro das casas.

A admiração humana por produções violentas foi estudada por pesquisadores da universidade de Augsburg, da Alemanha, e da Universidade de Wisconsin-Madison, nos Estados Unidos. Segundo os dados obtidos, a audiência tem prazer em assistir histórias com cenas sangrentas porque, de forma voluntária ou involuntária, veem que existe sentido em confrontar a violência na vida real. O fascínio pelo perigo é intrínseco ao ser humano, algo que pode ter vindo do instinto de sobrevivência, crucial para atenção, caso ocorra uma ameaça.

Tatiana Dagnault, apresentadora do podcast “Café, Crime e Chocolate”, em entrevista ao **Contraponto** disse que acredita que homens e mulheres experienciam a adrenalina, que pode ser proporcionada por este tipo de conteúdo, de maneiras diferentes. Enquanto os homens a experimentam em atividades físicas “radicais”, as mulheres encontram formas mais lúdicas de lidar com o perigo e com o hormônio.

De forma significativa, as mulheres correspondem a maior porcentagem de consumidoras do conteúdo *true crime*, seja no audiovisual ou em plataformas de áudio. Em entrevista ao **Contraponto**,

Bruna Oliveira, uma das apresentadoras do “1001 Crimes” afirmou que “podcasts feitos por mulheres têm um público feminino maior”. Oliveira ainda destaca que programas feitos por homens possuem um índice de ouvintes do sexo masculino maior que os restantes dos canais, mas que os podcasts do gênero foram aos poucos se tornando em sua maioria feminino. Segundo dados da própria entrevistada, seu podcast tem público 75% feminino, e o de Dagnault tem 84%.



Capa dos podcasts: “1001 crimes” e “Crime, café e chocolate”

O psicólogo Carlos Eduardo Sanches (CRP:06/149006) acredita que o público de *true crime* seja majoritariamente feminino pois “a violência contra elas é uma realidade, não uma ficção. É um medo que é ensinado desde a infância. O ato de consumir essas histórias pode ser uma maneira de tentar dominar esse medo, de colocá-lo em um lugar seguro para poder olhá-lo de frente”. Sanches segue: “O público masculino, no geral, consome o *true crime* de uma forma um pouco diferente. Eles tendem a focar mais nos aspectos técnicos da investigação, na lógica do crime, na psicologia do agressor”.

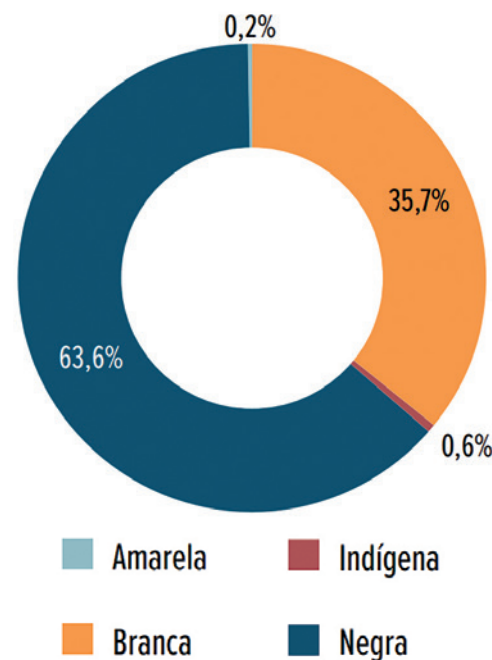
Com o crescente interesse pelo *true crime*, adaptações audiovisuais começaram a ser feitas baseadas em casos de comoção pública. Histórias bem roteirizadas, com galãs interpretando criminosos, um prato cheio para a banalização da violência, contribuindo para a romantização de quem não deveria ser cobiçado pelos crimes que cometeu. Sanches afirmou que: “Esse é, talvez, o ponto mais delicado. A maneira como a mídia tem adaptado as histórias de *true crime* – com trilhas sonoras dramáticas e a estrutura de suspense dos filmes de ficção – é um convite para a banalização da violência.”

O psicólogo ressalta o perigo para as mulheres completando: “Se a realidade começa a se parecer com a ficção, o perigo real perde seu peso. A tragédia de uma vida perdida vira roteiro, a dor de uma família se torna enredo. Isso pode levar a uma dessensibilização e a uma percepção distorcida da violência”.

Sanches salienta a necessidade de ter empatia e respeito pelas vítimas, pois tratam-se de vidas reais, e famílias destruídas. A prioridade é sempre o ser humano, e não o entretenimento.

No “Café, crime e chocolate”, os episódios mais vistos abordam vítimas menores de idade, mulheres brancas e de classe média. Existe um padrão para os casos que ganham notabilidade midiática. Como disse Bruna, muitos casos de *serial killers* só se tornam famosos depois da morte de uma das “vítimas perfeitas”, que ficam boas no *lead* de uma reportagem.

Em geral, os primeiros alvos dos assassinos são pessoas às margens da sociedade. No cinema é possível notar os mesmos padrões, até mesmo para os assassinos nos documentários, que em sua grande maioria são todos brancos.



Percentual de raça/cor das vítimas de feminicídio no Brasil, 2024

Segundo dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), em 2023 foram registrados mais de 250 mil casos de violência doméstica, e 7.388 novos processos de casos de feminicídio. A mulher, desde o início dos tempos, é colocada em um lugar de fragilidade e submissão. Para fugir do ciclo da violência elas tentam o que for possível para estarem informadas e preparadas.

© Anuário Brasileiro de Segurança Pública

# Restaurante Al Janiah finca bandeira da Palestina no coração de São Paulo

*Culinária, militância e memória se entrelaçam no espaço criado por Hassan, filho de refugiados palestinos*

Por Esther Ursulino, Gustavo Catriz, Luane França, Maria Julia Malagutti e Martim Tarifa

Um lugar de luta, mas também de encontro. É assim que o Al Janiah é descrito pelo palestino-brasileiro Hassan Zarif, de 51 anos, criador do bar, restaurante e centro cultural-político. Desde 2016, o espaço, localizado no bairro do Bixiga, em São Paulo, vem dando visibilidade à causa palestina por meio da culinária tradicional, do ativismo e da preservação da memória.

Em entrevista ao **Contraponto**, Hassan, militante há três décadas, conta que o lugar nasceu da necessidade de integrar trabalho, cultura e política em um mesmo ambiente. Além de garantir emprego a diversos funcionários – alguns deles refugiados –, o local se firmou como ponto de encontro de movimentos sociais, palco de apresentações musicais e espaço onde ocorrem cursos gratuitos e lançamentos de obras. Até o momento, 190 livros foram divulgados lá. “É um mundo inteiro de atividades; há dias em que chegamos a acontecer quatro ou cinco eventos diferentes”, observa.

Filho de palestinos refugiados em 1967, Hassan conta que “Al Janiah” se refere ao vilarejo onde seus pais nasceram. Ele explica que, antes de tudo, a região onde se nasce na Palestina é a principal referência que liga as diásporas ao seu lugar de origem: “Todo mundo sabe o nome da cidade de onde os pais e os avós saíram”.

Além do nome do restaurante, Hassan também homenageia suas origens no andar superior do edifício, onde expõe um vestido feito por sua mãe com a técnica do *tatreez*. Em árabe, a palavra significa

“bordado” e se refere a uma tradição palestina centenária, na qual cada vilarejo possui um tipo de ponto e estilo. Praticado sobretudo por mulheres, o *tatreez* é usado como forma de afirmar identidade e narrar histórias de vida. Em 2021, foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

“Aquele vestido que está ali foi costurado pela minha mãe na década de 60, na Palestina. É todo bordado à mão. Ela trouxe para o Brasil dizendo que só o usaria de volta na Palestina, e ficou mais de 30 anos guardado aqui. Minha mãe voltou em 1998, mas não teve o direito de retorno; permaneceu na Jordânia, onde faleceu. Então pus o vestido aqui. Isso é resistência, porque esse é o bordado típico de Al Janiah”, relata.

O *tatreez* também se encontra em outros elementos que compõem a decoração do espaço, como um painel no andar de baixo, que apresenta diferentes pontos do bordado tradicional. Espalhadas pelo local, há também imagens de personalidades palestinas, como a da combatente e ativista Leila Khaled e do cartunista político Naji al-Ali, mundialmente reconhecido por sua crítica aos regimes israelenses e árabes, e pela criação do personagem Handala, símbolo da resistência palestina no mundo.

A cozinha do restaurante também se tornou um espaço de militância. O fundador explica que, embora a equipe siga uma ficha técnica, o preparo dos alimentos é feito de forma mais livre devido à contribuição de diversas mãos: “Passou gente de praticamente todos os países árabes (pela nossa cozinha), e fomos pegando um pouco de cada (referência)”.

Para ele, o ingrediente indispensável na cozinha do restaurante é a consciência sobre a tentativa de apagamento da história e identidade palestinas, que ocorre, entre outras formas, por meio da apropriação culinária. Ele critica restaurantes que apresentam o falafel como uma comida típica apenas de Israel e reitera que o grão-de-bico é também base milenar da culinária palestina. Sendo assim, para Hassan, afirmar a verdadeira origem de pratos é uma forma de manter viva a cultura e a memória de seu povo.

Em meio a episódios de censura contra manifestações pró-Palestina no Brasil e no mundo, Hassan declara: “Eu acho que estamos lidando com pessoas covardes. Lá [Gaza] eles atiram com tanque e avião

contra pessoas que estão desarmadas e sem poder se defender. Eu acho que aqui eles não vão poder crescer desse jeito, então vão ficar nessa ameaça.” Ele acredita que a extrema direita tem se apropriado de pautas sionistas, o que, por sua vez, amplia os ataques, já que o Al Janiah se insere no campo da esquerda.

O brasileiro-palestino recorda que, durante o segundo turno das eleições de 2022, em meio ao clima de acirramento político e a episódios de violência, o restaurante divulgou uma nota oferecendo abrigo a pessoas em situação de vulnerabilidade social que se sentissem ameaçadas. A iniciativa reflete uma prática já comum no espaço que recebe refugiados e imigrantes em busca de apoio.

“O acolhimento que a gente dá é o abraço que todo mundo dá aqui, porque já foi um dia abraçado. Ninguém vai embora sem comer, e sempre tentamos encaminhar para algum lugar. Fazemos isso mesmo sem recurso”, afirma. Hassan faz questão de diferenciar o termo “acolhimento” com relação aos funcionários do restaurante, alguns deles também refugiados. Segundo ele, os profissionais não são “acolhidos”, mas sim integrantes de uma estrutura que funciona como família, recebendo salário e contribuindo para o funcionamento de tudo.

Não há como falar sobre a cozinha do Al Janiah sem citar a pessoa que a comanda: a palestina Needa Shtayha, de 36 anos. No Brasil desde 2013, começou a trabalhar no restaurante a convite de Hassan, tio de seu marido. A família inteira de Needa está na Palestina. Ela conta que foi visitá-la duas vezes desde que chegou ao Brasil, mas, desde 2016, não conseguiu voltar. “As coisas ficaram muito complicadas lá”, desabafa. Mesmo assim, mantém contato diário com seus parentes por telefone.

O sonho de voltar com seus filhos para sua terra de origem permanece. “Eu quero ir lá para eles conhecerem a Palestina bem, a Palestina inteira, quero ir para Nablus, para Ramallah. Se Deus quiser, esse dia vai chegar, a Palestina vai ser livre.”

A cozinheira conta que sua irmã segue enviando novas receitas tradicionais pela internet, e ela faz questão de aprender e repassar tudo para seus dois filhos. “Quando eu faço comida, eu falo: ‘vem aqui, olha aqui’, para que eles possam aprender comigo.” Ela lembra que aprendeu com sua mãe a enrolar charutinho

– iguaria da culinária árabe – e agora também ensina aos filhos.

Em sua casa, Needa faz questão de conversar apenas em árabe com as crianças, pois teme que esqueçam a língua devido ao uso recorrente do português no Brasil. O hábito de praticar o idioma é essencial para que possam se comunicar por telefone com tios e familiares palestinos. Para ela, o Al Janiah é como uma segunda casa, onde pode repetir as receitas da mãe todos os dias, ver sua cultura ser preservada e lutar por seu povo.

O gerente Belal Jabber, de 48 anos, chegou ao Brasil aos 17. Depois de uma infância marcada por mudanças forçadas e restrições, estabeleceu-se em São Paulo, ajudando a transformar o restaurante em um espaço de acolhimento. Em entrevista, afirmou: “Sou mais brasileiro do que palestino”.

Nascido no Líbano, Belal cresceu sem documentos e enfrentou barreiras impostas aos filhos de palestinos em diferentes países árabes: “Não podíamos estudar em universidades públicas, não podíamos ter imóveis em nosso nome. A vida sempre foi de limitações”, lembra. Sua família, com nove irmãos, viveu deslocamentos constantes entre Líbano, Síria, Líbia e Iêmen, pois o pai, militante da Frente Popular, era perseguido politicamente. Essas mudanças afetaram sua infância e juventude, dificultando a criação de vínculos duradouros.

O Brasil surgiu como possibilidade de estabilidade. Quando esteve instalado no Rio Grande do Sul, Belal trabalhou em diferentes atividades. Lá, conheceu Hassan – amizade que perdura há cerca de 25 anos. A parceria se consolidou em projetos de trabalho e, em 2017, o fundador do restaurante o convidou para gerenciar o espaço em São Paulo.

Belal define o Al Janiah como “um coração do mundo”, consolidado como ponto de encontro e acolhimento para brasileiros em vulnerabilidade e refugiados de diversas nacionalidades, como palestinos, africanos, cubanos, sírios, marroquinos, tunisianos e libaneses.

Apesar de episódios de preconceito, ele valoriza o acolhimento brasileiro: “Se existe um paraíso, o Brasil é um paraíso para mim”. Hoje, casado com uma brasileira e pai de dois filhos, de 10 e 3 anos, vê sua trajetória como a concretização de um refúgio definitivo: “O Brasil é meu país, é onde quero ficar.”



Hassan Zarif, proprietário do Al Janiah

O segurança e ativista Rabbii Houmazeni, de 40 anos, compartilha a mesma opinião que Belal sobre a terra brasileira. O marroquino, que chegou em 2023 como refugiado político, conta que foi militante durante a Primavera Árabe – onda de protestos e revoltas populares que, a partir de 2010, se espalhou por países do Oriente Médio com o objetivo de derrubar regimes autoritários.

Por conta de seu ativismo, passou quatro anos preso no Marrocos. Ao sair da detenção, encontrou dificuldades para permanecer no país e decidiu ir para a Tunísia, onde ficou por um mês. Lá, foi advertido de que precisava deixar o território, pois o governo local mantinha relações estreitas com seu país de origem e poderia entregá-lo às autoridades marroquinas.

A escolha de vir para um país da América Latina foi motivada pela distância política e diplomática em relação à monarquia de Marrocos. Ele avalia que no Brasil existe mais liberdade de expressão do que na Europa, pois até lá era perseguido por participar de debates, fazer críticas ao colonialismo e se referir às práticas genocidas do Estado de Israel.

Assim que chegou ao Brasil, sua prioridade foi procurar ativistas e grupos de esquerda que mantêm projetos inter-

nacionais de solidariedade. Por meio da Unidade Popular, participou de debates e conheceu pessoas ligadas ao centro cultural-político do Bixiga. A partir desse contato, aproximou-se de Hassan.

Para Rabbii, o Al Janiah é mais do que o lugar onde trabalha: é como uma segunda casa, que lhe dá a oportunidade de continuar militando e conviver com pessoas que compartilham as mesmas causas, tal qual uma família.

Ao refletir sobre a relevância do espaço que criou, Hassan Zarif destaca que o local contribui para desconstruir diversos estereótipos historicamente atribuídos aos povos árabes, consolidando-se como um lugar de encontro, convivência e diálogo, onde diferentes comunidades fortalecem suas lutas.

Ele também pondera sobre o uso de uma palavra comumente associada ao restaurante: “A gente tem o cuidado com o termo ‘resistência’, porque resistência é o que o pessoal está fazendo em Gaza. Aqui a gente não corre risco de vida.” Em seguida, reforça o significado simbólico do lugar: “A importância do Al Janiah é que a gente fincou, na maior cidade da América do Sul, uma bandeira palestina permanente. Esse prédio é uma bandeira da Palestina.”

© Esther Ursulino

A chefe Needa Shtayha preserva a cultura palestina com receitas tradicionais desde 2019



© Esther Ursulino



© Esther Ursulino

Vestido bordado à mão pela mãe de Hassan na década de 1960. Carrega a tradição palestina através do "tatreez" (bordado) típico do vilarejo Al Janiah



© Esther Ursulino

Rabbi, o segurança de óculos, e Belal, o gerente, posam com o gesto de punho cerrado, símbolo de força e resistência

# “Mas a gente soube”: A estratégia de silenciamento em Gaza

Assassinatos de jornalistas da Al Jazeera expõem ataques contra a imprensa

Por Anna Cândida Xavier, Isabela Fabiana, Julia Quartim Barbosa, Pedro Bairon e Renata Bittar

Pelo avanço de massacres, da fome e da destruição sistemática do território que abriga milhões de palestinos, o atual governo de Israel impõe um genocídio em Gaza, denunciado por movimentos e organizações ao redor do mundo. Destrói e bloqueia a existência de qualquer acesso à moradia, saúde, educação e cultura. Ao mesmo tempo, assassina jornalistas que arriscam a vida para expor os horrores da ocupação, um duplo ataque à existência e à memória, enraizado no projeto colonial do sionismo de extrema direita, de Benjamin Netanyahu.

Para muitas organizações internacionais e representantes de governos, inclusive o brasileiro, as práticas atuais do Estado de Israel são consideradas genocídio, ou seja, ato cometido com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso. “Desde a primeira semana, após o 7 de outubro de 2023, as ações israelenses são discriminadas, têm matado mulheres, crianças, majoritariamente civis, jornalistas palestinos, médicos palestinos, ou seja, trata-se da total aniquilação daquela sociedade, e não só isso, trata-se do estabelecimento da impossibilidade de desenvolvimento de uma vida normal quando você inibe acesso humanitário. Então, a gente poderia ir por esse caminho, desde a resposta ao 7 de outubro, Israel tem praticado genocídio”, opina o professor de relações internacionais da PUC-SP, Rodrigo Amaral.

Segundo a ministra de Estado das Relações Exteriores da Autoridade Palestina, Vargem Agha Bekian, os efeitos da separação étnica em seu território já mataram mais de 60 mil palestinos, apenas nos últimos dois anos. Mas, muito antes de 2023, o povo palestino denuncia a violência sofrida. Em 1948, aconteceu o que os palestinos chamam de “Nakba” - a catástrofe, em árabe - quando houve a declaração de independência de Israel, após a Assembleia das Nações Unidas aprovar a recomendação da partilha do território da Palestina em dois estados. Desde então, ocorreu a expulsão de pelo menos 750 mil palestinos, a morte de 15 mil pessoas, em 70 massacres, e a destruição de 531 cidades, vilas e povoados - segundo a Cartilha “Palestina Livre” da FLCMF (Fundação Lauro Campos e Marielle Franco), com apoio da Fepal (Federação Árabe Palestina do Brasil).

## Consentimento internacional

A família de Inès Abdel Razek foi violentamente expulsa da Palestina em 1948. Atualmente, Inès é diretora executiva do Instituto Palestino de Diplomacia Pública (PIPD), e descreve o Nakba como uma limpeza étnica, um projeto colonialista de Israel para expulsar a população palestina. “Ao longo dos anos eles usaram diferentes métodos para se livrar dos palestinos, desde o controle militar do território, ocupar a Cisjordânia e Gaza, e agora colocar Gaza sob um cerco militar. O genocídio é claramente mais um método, uma forma rápida de se livrar dos palestinos”.

Inès compreende que além da batalha colonial, existe uma guerra de narrativa que propositalmente impede a cobertura internacional em Gaza e assassina jornalistas palestinos. “A censura também acontece por meio do lobby das Big Techs, como a Meta e o X do Elon Musk. A maioria do conteúdo postado na Palestina é escondido pelo algoritmo, as contas ou não alcançam as pessoas ou são banidas”.

Balhar, palestino de 23 anos que vive em Gaza, valoriza muito o acesso à informação. “A internet aqui é uma coisa muito complexa de se conseguir, mas faz com que nós fiquemos por dentro do que está acontecendo, para que a gente não fique alienado. E é uma arma muito poderosa”. Ele conta que, além do **Contraponto**, vários outros jornalistas conseguiram entrar em contato com ele por meio do Snapchat, uma das poucas redes sociais que não está bloqueada na Palestina. “É um contato que a gente precisa ter. Foi por meio do Snapchat que soubemos dos assassinatos dos repórteres da TV Al Jazeera. Isso não foi tão disseminado aqui, mas a gente soube”.



Adesivo rasurado sinalizando o assassinato de palestinos, em ponto de ônibus da Av. Dr Arnaldo



Morte do cinegrafista da Reuters

Balhar era estudante de Direito até 2020, quando os conflitos começaram a piorar sua universidade foi fechada e recentemente foi destruída. Sua casa também foi bombardeada e atualmente mora com sete familiares em um apartamento pequeno. “No meu dia a dia, a gente acorda normalmente muito cedo. Temos a sorte de ainda conseguir manter uma horta em casa. Então, cuidamos dela, até para ocupar a cabeça com algo que vá além do conflito, que vá além da guerra. Depois, eu e meu irmão, que somos os mais velhos, saímos juntos com o meu pai para procurar comida”.

Inès Abdel Razek afirma que o mundo tem consentido e legitimado o genocídio, que as ações do governo de Israel na Palestina estão destruindo a ordem mundial e a credibilidade da justiça internacional. “Tudo está apodrecendo e desaparecendo, as pessoas estão de luto sem nem ao menos ter tempo de sofrer. A maioria das pessoas está em barracas, sem comida, sem higiene, sem poder enterrar seus familiares. Não há espaço para respirar, para dormir, as pessoas vivem com drones sobre suas cabeças e o medo de que não vão acordar”.

## Quais os danos do massacre?

O cenário em Gaza se transformou em uma guerra prolongada e regionalizada. Com os ataques terroristas do Hamas de 7 de outubro de 2023, Israel passou de grandes ofensivas terrestres para um plano de “combates prolongados”. O custo humano é imensurável. De acordo com a ONU, em 2024, mais de 40 mil palestinos morreram e quase 95 mil ficaram feridos. A OMS aponta que mulheres e crianças representam mais de 60% das vítimas fatais, e 17 mil crianças permanecem desacompanhadas. Além disso, milhares de

palestinos foram detidos em condições descritas como desumanas por organizações internacionais. Já do lado israelense, pelo menos 1.200 pessoas foram assassinadas, incluindo crianças, mulheres e idosos, fora o fato de ainda existirem civis sequestrados em cativeiros do Hamas há mais de 700 dias.

A catástrofe humanitária é agravada pelo deslocamento forçado em massa: a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Médio (UNRWA) estima que 1,7 milhão de pessoas foram expulsas de suas casas. Muitos se deslocaram diversas vezes em busca das tão cobiçadas “zonas seguras”, que também foram alvo de ataques. A crise de acesso à água e alimentos levou a ONU a alertar para o risco de fome em escala inimaginável. Relatórios da Agência também sugerem o uso da fome como arma de guerra, o que pode configurar crime internacional.

Nesse contexto, o jornalismo se tornou também um alvo. O Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ) afirma que Israel lidera, pelo segundo ano consecutivo, como o Estado que mais matou jornalistas, acusando as forças israelenses de ataques deliberados. Para a Federação Árabe Palestina do Brasil (FEPAL), o silenciamento de vozes da imprensa reflete uma guerra de narrativas que desumaniza os palestinos e transforma a busca pela verdade em um risco existencial.

Em julho, a Agence France-Presse (AFP), uma das agências de notícias mais tradicionais do mundo, emitiu um alerta sobre a situação de seus jornalistas palestinos freelancers em Gaza, em meio à escalada das operações militares e ao colapso das condições de ajuda humanitária. No texto, intitulado “Sem intervenção imediata, os últimos repórteres em Gaza irão morrer”, a entidade apela às autoridades israelenses por uma evacuação imediata dos profissionais, sob risco de morrerem de fome ou exaustão. A agência, fundada em 1994, destacou que perdeu jornalistas em

conflitos, mas nunca dessa forma. “Alguns ficaram feridos, outros foram feitos prisioneiros. Mas, nenhum de nós se lembra de ter visto colegas morrerem de fome”.

Em 10 de agosto, a Al Jazeera informou que dois de seus correspondentes e três cinegrafistas foram mortos, bombardeados pelo exército israelense, que confirmou o assassinato de Anas al Sharif, um conhecido correspondente do veículo na Faixa de Gaza. Os militares acusam o jornalista de se passar por correspondente para chefiar uma célula do Hamas.

Quinze dias depois, dois ataques israelenses atingiram a sacada de um hospital, utilizada pelos repórteres para ter uma vista privilegiada de Khan Yunis, cidade palestina situada no sul da Faixa de Gaza. Em carta conjunta, a Associated Press (AP) e a Reuters demonstraram sua indignação com o ataque que matou dois de seus jornalistas em um local protegido pelo direito internacional e questionaram se Israel estaria deliberadamente mirando transmissões ao vivo para suprimir informações.

“O que a gente vê lá são cenas de morte por fome, morte por doença, morte por bombas, morte por tiros, todos os dias, inclusive das pessoas que estão noticiando, isso viola todos os tratados e todas as recomendações de segurança para a proteção de jornalistas em territórios em conflito”, afirma Thiago Tanji, diretor da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo (SJSP).

Desde o início da guerra, em outubro de 2023, Israel não permite a entrada de repórteres estrangeiros em Gaza, salvo raras exceções sob escolta militar israelense. Por isso, veículos de notícias internacionais dependem de repórteres locais. Tanji acredita que a restrição de acesso e a morte de jornalistas não é por acaso: “Assassinar jornalistas é uma tentativa de censura escrita, é uma tentativa de intimidação, uma tentativa de silenciar as informações. Em qualquer zona de guerra,



Mulher carregando placa “Israel, pare de assassinar jornalistas de Gaza” em manifestação na Av. Paulista, 28/08/25

tradicionalmente, as pessoas têm que ter proteção, têm que estar ali com a identificação e poder acessar o território.”

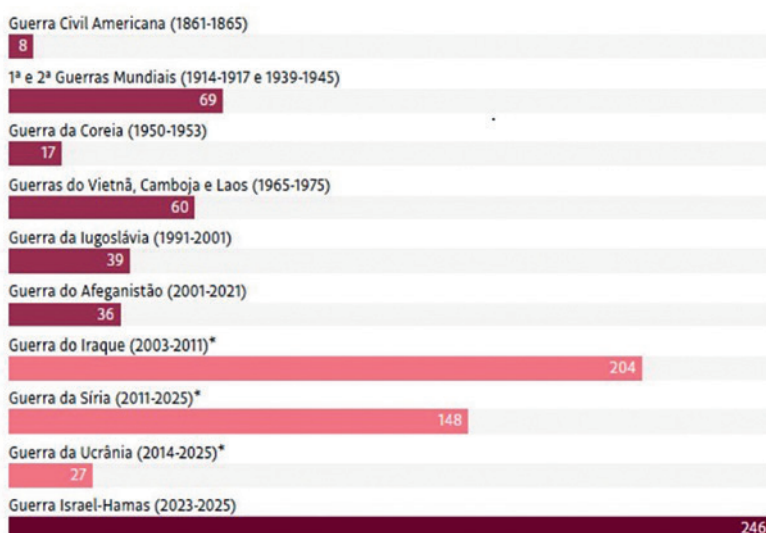
A título de comparação, quando somadas as duas Guerras Mundiais, a Guerra Civil Americana, a da Coreia, do Vietnã, da Iugoslávia e do Afeganistão deixaram ao todo 229 profissionais da imprensa mortos, enquanto em Gaza, até o mês de agosto de 2025, 246 jornalistas morreram no exercício da profissão, de acordo com dados do Sindicato dos Jornalistas Palestinos (SJP).

### Mortos. Mas por quem?

Para o presidente do SJSP, a escolha de palavras e a decisão de usar o termo “mortos” ao invés de “assassinados” quando se noticia o falecimento desses jornalistas é essencial para perceber a postura adotada pela maioria dos veículos. “Quando você tenta tirar o sujeito de uma manchete, isso tem um porquê. Por que não colocar *Israel ataca e mata jornalistas no ataque de ontem?* Por que você não faz isso? É uma escolha editorial.”, afirma.

Tanji conta que as empresas de comunicação tentam relativizar essas mortes de jornalistas como se fosse um dano colateral, como se fosse fatalidade. A violação de direitos humanos e os crimes de guerra são poucas vezes denunciados pela mídia, e muitas vezes banalizados e negligenciados. “Não é fatalidade quando você tem um número sem precedentes de jornalistas assassinados”, aponta o jornalista.

#### Número de jornalistas mortos em Gaza ultrapassa o de outros sete conflitos juntos



© Universidade Brown, Sindicato dos Jornalistas Palestinos, Comitê de Proteção dos Jornalistas (CPJ) e Freedom Forum / Montagem: Folha

\* Dados confirmados pelo CPJ. Organizações da Síria e Iraque relatam números maiores dentro dos períodos de conflito

# Esquerda fica fora do segundo turno na Bolívia

*Fragmentação política e pressão da oposição abriram o caminho para a vitória da direita, a primeira no país desde 2006*

Por Amanda Campos, Inaiá Misnerovicz e Manuela Schenk

Pela primeira vez em duas décadas, a esquerda ficou fora da disputa pelo governo da Bolívia. Rodrigo Paz Pereira, do Partido Demócrata Cristão, e Jorge Quiroga, da Aliança Livre, disputarão o segundo turno em 19 de outubro. O Movimento ao Socialismo (MAS), que dominou a política nacional e elegeu os dois últimos presidentes, obteve pouco mais de 3% dos votos.

O contraste com o passado é evidente. Durante os três mandatos de Evo Morales (2006–2019), a Bolívia passou por grandes transformações. O primeiro presidente indígena do país promoveu nacionalizações, ampliou programas sociais e reposicionou a Bolívia como ator na América Latina. Em 2019, no entanto, Morales deixou o cargo após sofrer um golpe de Estado e se exilou durante o governo de Jeanine Añez, marcado por forte instabilidade política.

A esquerda voltou ao poder em 2020, com a vitória de Luis Arce, também do MAS. O economista e ex-ministro prometia dar continuidade ao projeto de Morales, mas o relacionamento entre os dois se deteriorou rapidamente. Morales passou a criticar a condução econômica e política do sucessor, enquanto Arce o acusava de tentar manter o controle do partido. A ruptura se consolidou quando Morales fundou o EVO Pueblo, enfraquecendo ainda mais a esquerda e abrindo espaço para o avanço de setores conservadores e liberais.

Antes identificado como uma força quase hegemônica, hoje o MAS mostra fragilidade e perda de base eleitoral. A crise interna atingiu o auge quando Evo Morales, já fora do partido, pediu publicamente que seus apoiadores votassem nulo nas eleições de 2025. O gesto minou qualquer chance de continuidade da esquerda no poder. Morales ainda conseguiu mobilizar quase 20% do eleitorado — índice muito acima da média histórica de 5%.

Giovani Benito Preti, formado em Relações Internacionais e atualmente mestrando em Economia Política Internacional, analisou o resultado do primeiro turno em entrevista ao **Contraponto**: “Foi uma autodestruição do movimento político. A briga entre os dois líderes gerou a ruptura e impactou diretamente na construção da força política da esquerda ao redor da América Latina desde os anos 90”.

A disputa interna entre Morales e Arce se tornou um dos principais fatores para o fracasso eleitoral. A direita soube explorar essa fragilidade ao politizar a crise, sem intervir diretamente na divisão. “A oposição não fez nada para impedir a briga, mas muito para explorá-la politicamente. Repetia nos meios de comunicação que, enquanto Morales e Arce brigavam, o povo arcava com os custos da crise econômica”, afirmou Preti. Dessa forma, a Bolívia, que nos anos 2000 se beneficiou do boom do gás natural, hoje enfrenta queda nas reservas, déficits fiscais crescentes e dificuldade em atrair investimentos. O governo Arce tentou conter a crise com subsídios e controle de preços, mas as medidas não foram suficientes para frear a inflação.

Para Preti, a derrota do MAS expõe um problema mais amplo: a dificuldade da esquerda em construir unidade política de longo prazo. Segundo ele, a coesão entre forças progressistas só ocorreu quando havia um inimigo claramente definido. Hoje, parte dos grupos enxerga a disputa apenas em termos eleitorais, enquanto outros apontam inimigos estruturais, como o imperialismo e as formas de dominação econômica e militar expressas em guerras híbridas, ataques especulativos e pressões externas.

A direita boliviana soube tirar proveito das divisões internas do MAS sem se envolver diretamente na disputa entre Morales e Arce. Segundo Preti, a estratégia foi “deixar rolar”: enquanto os dois líderes estavam envolvidos em uma briga, a oposição se concentrava em politizar a crise com meios de comunicação como porta-voz. Com uma narrativa simples e direta, reforçava que o governo permanecia paralisado pela disputa interna em vez de se preocupar com as dificuldades econômicas do país. Isso transformou a fragmentação da esquerda em argumento político e criou o terreno para seu próprio avanço eleitoral.

No entanto, o impacto ultrapassa as fronteiras nacionais. O declínio da esquerda boliviana reverbera na América Latina, onde governos progressistas vinham recuperando espaço nos últimos anos. A Bolívia, que já foi símbolo de resistência ao neoliberalismo, agora se soma a um



Antigos aliados, a rixa de Morales e Arce são um dos principais motivos para o fracasso da esquerda na corrida eleitoral

movimento de oscilação política que pode redesenhar os rumos da região.

Agora, com a provável vitória da direita, mudanças são esperadas no cotidiano boliviano. Medidas como privatização de empresas estatais, aproximação com o governo estadunidense e o corte de gastos em áreas como saúde, educação, mobilidade urbana e moradia, são algumas das ações governamentais previstas por Giovanni com base nos governos de direita de outros países da América Latina, como Argentina e Panamá.

Rodrigo Paz, do Partido Demócrata Cristão, venceu o primeiro turno com 32,1% dos votos. Filho do ex-presidente Jaime Paz Zamora, é uma figura nova no cenário político do país. Rodrigo carrega uma posição central, defende a manutenção de políticas ortodoxas na economia e o fortalecimento de alianças com o empresariado, considerado o coração econômico da Bolívia, Santa Cruz de la Sierra.

Já Tuto Quiroga, candidato do partido Aliança Livre, governou o país nos anos de 2001 e 2002 e ficou em segundo lugar no primeiro turno com 26,8% dos votos. É considerado parte da extrema direita boliviana e também foi vice do ex-ditador militar Banzer.



Rodrigo Paz e Tuto Quiroga competirão pela presidência da Bolívia no dia 19 de outubro

# Bad Bunny resgata a autoestima de Porto Rico e afronta os EUA

Artista define como “desnecessária” a inclusão do país norte-americano em turnê do álbum que homenageia sua terra natal

Por Cecília Leite, Dhara Yuki e  
Thaís de Matos

Benito Antonio Martínez Ocasio, conhecido artisticamente por *Bad Bunny*, é hoje um dos maiores nomes da música latino-americana e do pop global. Se antes já era mundialmente reconhecido, o cantor ganhou ainda mais notoriedade após o lançamento de seu álbum “*Debi Tirar Más Fotos*”, em 5 de janeiro de 2025. A obra busca resgatar e celebrar as raízes de sua terra natal, Porto Rico.

O lançamento ocorreu dias antes da posse de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos (e consequentemente de Porto Rico). Em outubro de 2024, o comediante Tony Hinchcliffe disse em um comício de Trump em Nova York, que “há literalmente uma ilha flutuante de lixo no meio do oceano agora mesmo. Acho que se chama Porto Rico”.

Em entrevista ao Contraponto, o professor e doutor em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e especialista em América Latina, Arthur Felipe Murta, explica que Porto Rico é um Estado Livre Associado. O território pertence aos Estados Unidos, mas sua população não tem os mesmos direitos que os cidadãos norte-americanos, como o direito ao voto para presidente. Ao invés disso, os porto-riquenhos elegem um governador e um representante do Estado no Congresso estadunidense.

“Porto Rico tornou-se estratégico para os EUA, no final do século XIX, por ser uma possibilidade de controlar a região do Caribe e manter presença lá, o que se manifesta até hoje. O Caribe é geopoliticamente estratégico, concentrando ainda muitas colônias”, acrescenta Murta.

Nesse contexto, “*Debi Tirar Más Fotos*” soa como uma carta de amor feita à ilha. A faixa homônima ao disco remonta ideias de memória, família e história, que também são exploradas nas outras canções. Apesar de Porto Rico pertencer aos Estados Unidos, Bad Bunny valoriza o Estado ao enaltecer a rica cultura que distingue um território do outro.

O álbum mescla gêneros populares locais, como a bomba e a plena, além do tradicional reggaeton e a salsa. Muitas de suas letras versam sobre festa, dança e sensualidade — o “bailar” e o “perrear”. Dessa maneira, Bad Bunny coloca a celebração dos corpos como forma de resistência e reafirmação de identidade.

Mas isso não exige o cantor de abordar tópicos políticos. Em “*Lo Que Le Pasó en Hawaii*”, ele usa o exemplo do território

que sofreu com a proibição de sua língua local no século XIX, e a anexação aos Estados Unidos em 1898 – mesmo ano em que Porto Rico foi empossado pelos EUA. Ao cantar: “*Quieren quitarme el río y también la playa; Quieren al barrio mío y que abuelita se vaya; No, no suelte’ la bandera ni olvide’ el lelolai; Que no quiero que hagan contigo lo que le pasó a Hawái*”, o artista atenta aos perigos da gentrificação, do turismo predatório e dos desafios socioeconômicos – que passaram pelo Haváí, e também ameaçam Porto-Rico.

Com o álbum, *Bad Bunny* também lançou um curta-metragem, utilizando símbolos como o sapo concho, anfíbio endêmico da região, em perigo de extinção devido à introdução de espécies invasoras. O curta visualiza a dominação completa da cultura norte-americana sobre a ilha, ressaltando como a gastronomia, a música, a dança e a língua são importantes para a formação da identidade nacional. Posto o cenário fictício, o cantor se orgulha da resistência de seu povo: “São 130 anos fazendo parte dos EUA e ainda somos porto-riquenhos”.

Segundo Arthur, quando um debate político é levado para a cultura pop, ela faz um papel significativo de traduzir e amplificar demandas sociais. “Acho que artistas como o Bad Bunny no atual álbum dele, a Karol G em ‘*Tropicoqueta*’, também, trazem esse local de ‘você não estão sozinhos’ para os latinos, de criar uma dimensão de orgulho latino e de ser porto-riquenho. Então, é interessante que isso aconteça nesse momento em que há, nos Estados Unidos, um movimento de repulsa, de expulsão literal do imigrante latino”.

Em 4 de julho de 2025, dia em que é comemorada a Independência dos EUA, Benito novamente se posiciona ao publicar o videoclipe de “*Nuevayol*”. Com o *sample* de “*Un Verano en Nueva York*”, do grupo *El Gran Combo de Puerto Rico*, o artista relembra a conexão entre a ilha caribenha e a cidade norte-americana, considerada o centro cultural e demográfico mais importante para os porto-riquenhos fora de San Juan.

O clipe tem cenas marcantes e afiadas, como o momento em que o cantor aparece na Estátua da Liberdade, com uma bandeira de Porto Rico pendurada na testa da escultura. A imagem se refere ao ativista Tito Kayak que, em 2000, escalou o monumento para protestar pela autonomia do território.

O tipo de estandarte usado no curta também aborda essa emancipação. A bandeira de cor azul clara – diferente

da versão aprovada pelo governo estadunidense em 1995, com o azul escuro – remete à da cidade de Lares, onde foi usada na Revolta do Grito de Lares em 1868. O episódio foi uma rebelião que buscava a independência da Espanha.

Em outro momento do vídeo, quatro amigos escutam um discurso com a voz de Donald Trump, em que ele pede desculpas e reconhece seus erros com os imigrantes latino-americanos no país, afirmando que não seria nada sem eles.



Bad Bunny estende a bandeira de Porto Rico na Estátua da Liberdade, enquanto canta “Shh, cuida'o, que nadie nos escuche”

Com o sucesso do disco, *Bad Bunny* fará uma turnê homônima que inclui diversos países, mas deixa os Estados Unidos de fora. Em entrevista à revista americana *Variety*, o cantor alegou ser “desnecessária” a passagem pelo país onde já se apresentou tantas vezes. Mas o boicote intencional vai além disso – se faz coerente com seu posicionamento explícito no disco.

Outro – e principal – diferencial é a atenção dada especialmente à Porto Rico, com os 30 *shows* programados em San Juan até setembro, da residência (série de apresentações em um único local) “*No Me Quiero Ir de Aquí*”. As performances movimentaram a economia local em cerca de 180 milhões de dólares, com atração de 600 mil turistas, segundo a Bloomberg, agência turística de Porto Rico. Além disso, os nove primeiros espetáculos foram destinados exclusivamente aos moradores da ilha.

Condizente com o discurso de “*Debi Tirar Más Fotos*”, todo o cenário e músicas escolhidas são pensadas para remontar as paisagens e celebrar a história e cultura local. Assim, *Bad Bunny* não só se reconecta com sua essência, mas leva essa experiência ao público, buscando retomar seu orgulho e autoestima.

# Mercado de carbono: não é dinheiro que se respira

*Apesar de grande potencial no combate ao aquecimento global, prática requer moderação em todos os sentidos da palavra*

Por Anna Cândida Xavier, Camila Bucoff e Vítor Nhoatto

Com eventos climáticos extremos cada vez mais presentes e intensos, frear as alterações do clima causadas pela poluição humana se tornou urgente. Nessa corrida contra o tempo para que a sociedade repense sua relação com a natureza, os créditos de carbono surgem como uma ferramenta importante, mas não milagrosa.

Em 2015, o compromisso para frear as alterações do clima ganhou força geopolítica após 195 nações assinarem o Acordo de Paris – uma resolução que prevê limitar o aumento da temperatura do planeta em até 1,5 °C até 2050.

Antes disso, o objetivo de diminuir a emissão de carbono estava vinculado às obrigações estabelecidas com a adesão do Protocolo de Quioto, em 1997. Nesse tratado, cada país determinou sua própria meta em função de sua capacidade de cumprimento dentro do período esperado.

Um dos instrumentos adotado pelas nações foi o crédito de carbono, uma vez que ele favorece uma missão conjunta dos setores público e privado no cenário das transições energéticas. Foram criados sistemas para comercializar cotas e permissões de emissão dos gases, integrando sua atividade produtiva a um sistema de valor econômico.

Os primeiros mercados de carbono seguiram as regras internacionais de cooperação definidas pelo Protocolo de Quioto, com duas modalidades principais: o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) e a Implementação Conjunta (IC).

O MDL permite que países do norte global invistam em projetos de redução de emissões em países do sul global, enquanto o IC permite o investimento em projetos de redução de gases entre países desenvolvidos. Além disso, foi definido que uma tonelada de dióxido de carbono equivalente (CO2e) recuperada corresponderia a um crédito ou uma cota de permissão, cujos preços são influenciados pela demanda, pelo tipo de atividade emissora e pelo risco que a área a ser preservada está submetida.

Os mercados podem ser regulados ou voluntários. No primeiro, os atores atuam pelo sistema Sistema de Comércio de Emissões (SCE), onde governos e acordos internacionais determinam cotas de emissão ou permissões que os participantes têm que cumprir.

Nesse caso, os agentes que apresentarem uma emissão menor do que o teto estabelecido poderão comercializar as cotas excedentes com os demais. Já no voluntário, empresas e indivíduos sem nenhuma exigência legal podem compensar emissões de Gases do Efeito Estufa (GEE) através da aquisição de créditos gerados por iniciativas ou projetos de redução ou remoção de gases poluentes.

Klenize Fávero, Coordenadora de Mercados de Carbono na Secretaria Nacional de Mudança do Clima do Ministério do Meio Ambiente destaca o potencial do setor: “Quando bem regulado, o mercado de carbono é um vetor de mudanças estruturais ao direcionar investimentos para tecnologias limpas, tornar mais competitivo

quem reduz emissões e incentivar setores emissores a adotar trajetórias de descarbonização de longo prazo”.

No final de 2024, o governo brasileiro promulgou o Sistema Brasileiro de Comércio de Carbono (SBCE), lei nº 15.042, que regula os limites de emissões de GEE no país, assim como a compra e a venda de seus créditos. Conforme a legislação, os setores produtivos que emitirem 10 mil toneladas de CO2 equivalente por ano serão obrigados a relatar suas emissões, enquanto aqueles que ultrapassam 25 mil toneladas deverão reduzir uma porcentagem desses gases.

As empresas que emitirem mais poluentes do que o nível permitido poderão compensar esses valores através de cotas ou de créditos de descarbonização. De acordo com análise das emissões de GEE pelo Observatório do Clima no ano de 2023, a atividade agropecuária responde por 74% de toda a poluição climática brasileira. Apesar disso, as empresas agropecuárias não estão incluídas na obrigatoriedade de limitar emissões.

O SBCE também adotou a Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal (REDD+), uma iniciativa da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) de estratégias de combate ao desmatamento e à degradação ambiental.

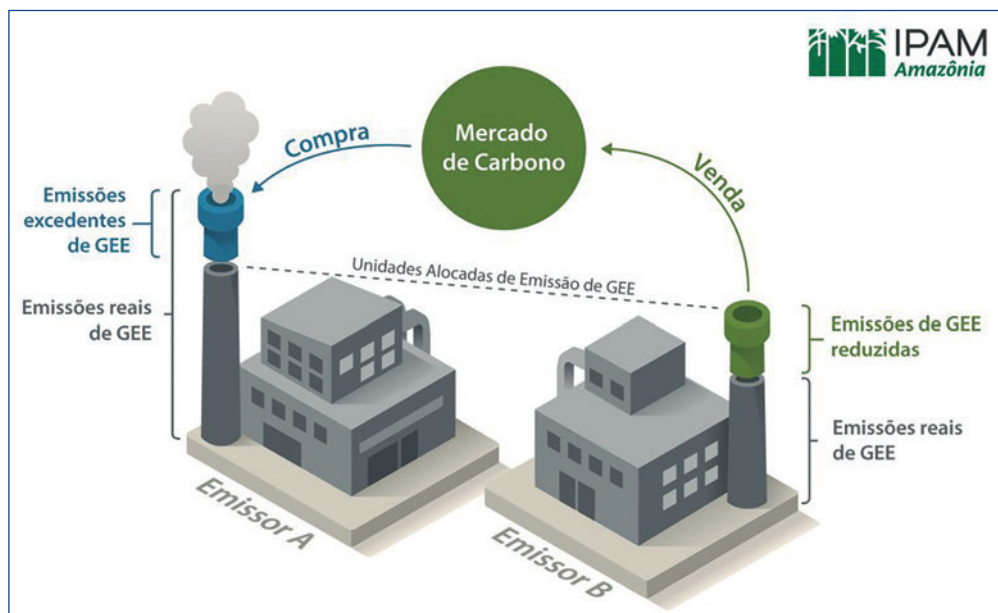
No modelo, os governos estaduais são responsáveis pela distribuição dos resultados entre os atores envolvidos, como comunidades tradicionais e proprietários rurais.

Iniciativas em diferentes estágios de desenvolvimento estão em andamento na Amazônia, como o Programa REDD+ do Estado do Pará, que visa aumentar a efetividade na redução das emissões e evitar a dupla contagem de créditos de carbono.

## Descarbonização ou Greenwashing?

Eliane Yamada, Diretora Técnica de Projetos de Carbono e Mudanças Climáticas na América Latina e África do Sustainable Carbon Group, afirma que o Brasil tem um papel estratégico no mercado global de carbono: “É um dos países com maior número de projetos registrados no principal Standard do mercado voluntário, tem desde projetos florestais até projetos de substituição de combustível. O país tem potencial para uma diversidade de soluções para combater as mudanças climáticas e projetos diferentes de créditos de carbono”.

O Brasil é o maior detentor de área de florestas tropicais no planeta graças à Amazônia – bioma conhecido como o “pulmão do mundo”. A floresta armazena de 100



© IPAM Amazônia

Empresas ou países que emitirem menos GEEs que o limite permitido em acordo, podem vender esse excesso por meio de créditos de carbono

bilhões a 120 bilhões de toneladas de carbono em sua biomassa, além de ser a região com a maior biodiversidade do mundo.

Contudo, Eliane também reconhece que existem problemas éticos e ambientais associados à compensação de carbono: “Permeiam desde as empresas só usarem os créditos para compensar as emissões, sem planejamento para reduzir, atrasando a transição para baixo carbono; questões de *greenwashing*; de equidade social, como quando um desenvolvedor de projeto não faz a consulta às comunidades locais impactadas por ele”.

O *greenwashing* acontece quando uma empresa gasta mais tempo e dinheiro convencendo os consumidores de que está preocupada com o meio ambiente do que investindo em mudanças concretas e sustentáveis.

No caso da compra de créditos de carbono, ele pode acontecer de três maneiras diferentes. A primeira acontece quando uma empresa compra créditos sem fazer nenhuma mudança interna para reduzir sua emissão – em um contexto em que a mudança climática rapidamente se transforma em catástrofe.

A segunda forma de *greenwashing* ocorre quando as emissões de carbono de uma empresa são notificadas duas vezes – a redução acaba valendo para a empresa e para o país onde a captura de carbono aconteceu, quando, na realidade, só houve uma redução.

Por último, não devem ser contadas reduções de carbono que ocorreram sem a participação da empresa como, por exemplo, “salvar florestas” que não estavam sob ameaça. O mercado de crédito também corre o risco de transferir o fardo das emissões de países historicamente responsáveis pela destruição da camada de ozônio para países em desenvolvimento que sentem mais o impacto da crise climática.

Essa prática de compensação mal regulada pode apresentar graves efeitos colaterais. A agência de notícias britânica Reuters identificou que 24 projetos de preservação amazônica, envolvidos com desmatamento ilegal, estavam sendo beneficiados pelas compensações voluntárias de carbono.

Segundo a apuração, as infrações correspondem ao transporte de árvores derrubadas não-licenciadas, falsificação de informações no sistema governamental de controle de madeira, além da destruição em amplo sentido da floresta. Assim, também há o risco do mercado de carbono acabar incentivando esse tipo de conduta, ao remunerar agentes com histórico de violação da legislação ambiental.

Segundo dados da empresa líder global no mercado de carbono voluntário, a Allied Offsets, o maior comprador de créditos no ano passado foi a Shell, gigante da indústria do petróleo. A italiana Eni, também do ramo, é a quarta empresa que

**O olhar para as florestas deve ser de baixo para cima, e não simplesmente do carbono para baixo**

mais compensou suas emissões, com o setor de energia sendo responsável por quase 15% de todas as iniciativas.

Destacam-se também empresas de tecnologia, como a Microsoft e a Delta, que deixou mercado em 2022 após escândalos envolvendo projetos que financiou; de todo modo, ainda é a maior compradora de créditos voluntários. E, por fim, há uma crescente presença da aviação e da indústria automotiva nesse mercado, como a Boeing e a Volkswagen.

Apesar dos avanços, o fim definitivo do uso de combustíveis fósseis é crucial para o atingimento das metas climáticas, assim como está descrito no Acordo de Paris. A Organização das Nações Unidas (ONU) também pontua o fim da dependência no setor como chave para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e um futuro habitável.

Enquanto isso, o setor de energia foi responsável por 68% de todas as emissões de CO<sub>2</sub> segundo relatório de 2024 do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP), onde o destaque foi a urgência da descarbonização.

A questão fundamental é reduzir as emissões e não compensá-las, como explica Anna Cárcamo, especialista em Política Climática no Greenpeace Brasil: “Não devemos falar em compensar, e sim em reduzir todas as emissões da fonte, ou seja, avançar para eliminar e reduzir a dependência nos combustíveis fósseis em todos os sistemas”.

Existe, portanto, a necessidade de garantir que o dinheiro destinado à compensação se some ao da diminuição das emissões pelas empresas e não o compense. De acordo com a Allied Offsets, o mercado movimentou 16,3 bilhões de dólares em 2024, um montante que, apesar de visar a preservação e reflorestamento, não muda efetivamente a produção de energia e consumo.

O consumo da gasolina Podium é um exemplo. Ela é vendida pela Petrobras e comercializada como a única “carbono neutro” do país. Apesar da pegada de carbono ser compensada – os créditos foram negociados com uma empresa que enfrenta questionamentos – todos os danos ambientais da extração do petróleo e a poluição do carro permanecem e não há investimento direto na mitigação de CO<sub>2</sub> na produção da empresa.



### Enxergar para além do químico

Uma outra frente essencial no combate às mudanças climáticas é ver a natureza como um todo. A manutenção da biodiversidade no planeta garante a produção de alimentos, rios voadores essenciais para o ciclo hídrico etc. Preservar as florestas é o único meio de garantir um futuro habitável para a humanidade.

A resiliência perante os eventos extremos é essencial para mitigar os impactos e a perda de vidas. A preservação da vegetação previne esses acontecimentos e o reflorestamento e arborização promovem o bem-estar nos centros urbanos e diminuem a temperatura ambiente. Os projetos financiados devem cuidar dos impactos socioambientais e não apenas se preocupar com o mercado financeiro.

“Temos uma série de questões envolvendo comunidades tradicionais que realmente estão exercendo esse papel de reduzir as emissões e são muito pouco compensadas, muitas vezes por conta dessas certificações que não contemplam os seus meios de vida tradicionais”, completa Cárcamo.

A Amazônia conta com projetos de carbono financiados por empresas como Shell, Amazon, Uber e Bayer. Somado à realização da trigésima Conferência do Clima (COP 30) em Belém do Pará em novembro, Klenize Fávero destaca a relevância do país na área ambiental, desde que seja coerente com o fim dos combustíveis fósseis e use o mercado de carbono como ferramenta.

“Tanto pelo tamanho do seu território quanto pela riqueza de sua biodiversidade, o Brasil tem um papel muito relevante no mercado global de carbono [...]”, ela diz.

Fávero continua: “Só ao assegurar a integridade climática – evitando que a compensação substitua a redução real de emissões – e ao garantir que os projetos respeitem os direitos das comunidades locais e povos indígenas, veremos benefícios socioambientais concretos. A prioridade deve ser a mitigação, cabendo aos créditos de carbono a compensação de emissões residuais”.

# Interesse x sobrevivência: como o Brasil enfrenta dilemas ambientais

*Ao mesmo tempo que se prepara para sediar o maior evento da área no coração da Amazônia, governo flexibiliza regras e pede por petróleo*

Por João Luiz Freitas, Leticia Falaschi, Livia Soriano e Maria Eduarda Frazato

Uma das principais frentes do terceiro mandato de Lula como presidente é o meio ambiente, mas avanços e contradições assolam a gestão. De um lado, o chamado PL (Projeto de Lei) da Devastação, que enfraquece as leis de proteção ambiental, avança. De outro, o país se prepara para sediar a COP30, conferência do clima da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre mudanças climáticas, que ocorre em novembro em Belém do Pará.

Dentre as primeiras medidas sustentadas, esteve a recriação, em 2023, do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, agora, com status ampliado e renomeado, e com a meta de zerar o desmatamento na Amazônia até 2030. O Fundo Amazônia voltou a receber doações de países como Noruega e Alemanha e, em agosto de 2024, o Pacto pela Transformação Ecológica entre os Três Poderes foi assinado, com foco em justiça climática, progresso com baixa emissão de carbono e sustentabilidade.

Nos resultados concretos, dados do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) apontaram queda expressiva no desmatamento. Já o sistema do Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (Prodes), revelou em 2023, a menor área desmatada em cinco anos, totalizando 9.064 km<sup>2</sup>. Em 2022 foram 11.594 km<sup>2</sup>, em 2021 foi registrado o maior pico em 15 anos, equivalente a 13.038 km<sup>2</sup>. No ano anterior, 10.851 km<sup>2</sup>.

Apesar dos avanços, o aumento das queimadas no Cerrado, a proteção do Pantanal, principalmente, a incoerência dentro do próprio governo, preocupam. Para a doutora em Ciências Sociais e coordenadora do curso de Ciências Socioambientais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Marijane Lisboa: “tem muita coisa que o Brasil poderia fazer e não faz porque temos uma conjuntura de governo que é refém do agronegócio”.

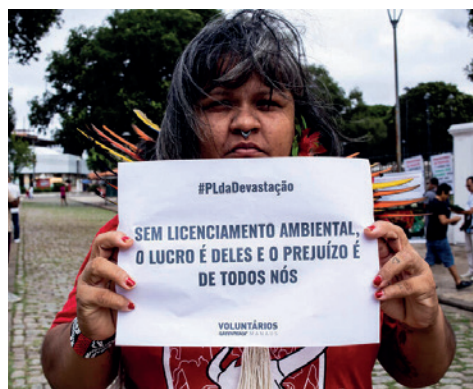
## Apesar das aparências: o embate político

O principal expoente dessa incongruência ambiental e política é o Projeto de Lei 2159/2021, o popular PL da Devastação. Sua forma original foi proposta em 2004 por Luciano Zica, na época membro do PT (Partido dos Trabalhadores), e propunha a criação de normas gerais e rígidas de licenciamento. Mas ao longo dessas duas décadas, o projeto se transmutou em uma ferramenta para enfraquecer os processos de consulta, aprovação de licenças e estudos de impactos ambientais.

No dia 21 de maio, a PL foi aprovada no Senado por 54 votos a favor e 13 contras. A torcida dos ambientalistas, era que Lula o vetasse integralmente mas, no dia 8 de agosto, de 400 tópicos, 63 foram vetados. Pontos importantes foram retirados, como a emenda que impedia indígenas e quilombolas de serem consultados em terras não demarcadas ou em processo. A lei de proteção ambiental especial da mata atlântica foi mantida, não permitindo o seu desmatamento sem autorização e avaliação. Além disso, o autolicensingamento para empreendimentos de médio potencial poluidor - como as barragens de Brumadinho e Mariana - também foi negado.

Mas na ocasião, o presidente da Casa, Davi Alcolumbre (União Brasil - AP), sugeriu a medida provisória (MP) que instaurou a Licença Ambiental Especial (LAE), visando acelerar a aprovação de projetos considerados estratégicos pelo Conselho do Governo. Com limite de um ano para análise, a MP pode beneficiar obras como a BR-319, estrada de Manaus no Amazonas até o Porto Velho em Rondônia, que passa por áreas de floresta conservada. Além, principalmente, da exploração de petróleo na margem equatorial brasileira, que o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) recomendou negar licença.

Segundo a ONU, o fim dos combustíveis fósseis é imprescindível para o cumprimento do Acordo de Paris e o aquecimento do planeta em até 1,5 graus. “Não há justificativa para insistir na exploração de petróleo, e esse será um desgaste inevitável”, comenta Marijane ao defender que a contradição no governo, tende a ficar cada vez mais evidente e insustentável. O projeto seguiu em regime de urgência ao Congresso, que tem o prazo de 45 dias para análise, podendo inclusive, derrubar os vetos, que apenas o Supremo Tribunal Federal (STF) poderá, então, rever.



Mulher em manifestação contra o PL da Devastação

© Reprodução | COP30 Brasil Amazônia



Banner do evento "COP 30" que acontece no Brasil em 2025

## Debate na Amazônia, mas sem a floresta na mesa

Em meio a isso tudo, o Brasil está às vésperas da COP30, que acontecerá em novembro, e tem grande potencial de mudança. Pela primeira vez, o evento será realizado em uma região amazônica, a maior floresta tropical do planeta, que concentra não apenas milhares de povos indígenas, mas também os dilemas e soluções centrais da crise climática global.

Sediada anualmente em diferentes cidades pelo mundo, a conferência foi criada em 1995, com a COP1 sendo realizada em Berlim, na Alemanha. Ao longo dessas três décadas, avanços importantes aconteceram, com destaque ao Acordo de Paris em 2015 na COP21, em que houve, pela primeira vez, um acordo entre 194 países por metas rígidas de descarbonização, proteção ambiental e sustentabilidade.

Porém, as medidas precisam sair dos pavilhões do evento, como comenta Marijane, também membro da Rede Brasileira de Justiça Ambiental. Para ela, a comunidade internacional há anos evita enfrentar o tema central: a redução drástica das emissões, apenas se contentando com negociações paliativas, como fundos de financiamento e medidas de adaptação. “É como construir um hospital em vez de vacinar a população”, ressalta. A cientista socioambiental aponta que, enquanto não houver cortes profundos na exploração de petróleo, carvão e gás, o planeta seguirá caminhando para ultrapassar a barreira de aquecimento.

O PL da Devastação, ao lado de outras pressões políticas internas, explicita o peso que o agronegócio, petróleo e a mineração ainda exercem nas tomadas de decisões. “Se a gente fica se enganando, como gostariam, estamos como em um Titanic: tocando a música e dançando, enquanto o navio vai em frente e nós perdemos”, finaliza Marijane ao ressaltar que a urgência climática exige muito mais que apenas discursos diplomáticos.

# A onda retrô atingiu a maneira de ouvir música da geração Z

CDs e discos são opções diante da saturação do streaming, mas também revelam questões econômicas e geracionais

Por Ana Julia Mira, Beatriz Lima e Giovanna Brito

As plataformas de streaming musical já não brilham os olhos dos jovens da geração Z. Canções lançadas semanalmente, com refrões repetitivos e melodias chicletes, pensadas para viralizar com vídeos curtos nas redes sociais. Elas estão perdendo espaço para a exclusividade e a essência dos CDs e discos de vinil.

Além de câmeras Polaroid, Cyber-shots, roupas vintage e filmes analógicos, a onda retrô e nostálgica atinge outro ponto cultural: a forma de ouvir música. Artistas em alta como Taylor Swift, Charli XCX, Jão e Matuê têm apostado em novas formas de comercializar seus produtos ao investir em LPs - os discos de vinil de longa duração.

Jovens ao redor do mundo criam - ou trazem de volta - o hábito de garimpar discos inéditos e visitar coleções antigas esquecidas no fundo do baú de pais e avós. Segundo o *Google Trends*, a busca por "disco de vinil" explodiu durante a pandemia, período que incentivou novos hobbies caseiros. O termo alcançou o maior número em 16 anos - com um pico em julho de 2020.

O interesse, no entanto, não ficou restrito a esse momento. Em dezembro de 2024, a procura atingiu seu maior pico em 16 anos. Esse objeto, antes considerado ultrapassado, se consolidou não apenas como item nostálgico ou para presentear, mas como um estilo de vida musical.

A arte de procurar obras físicas de artistas favoritos carrega um conceito de exclusividade que a música digital não permite. Além disso, muitas melodias soam mais leves e limpas ao serem reproduzidas em um toca-discos. A experiência não vem como substituição dos meios digitais, mas revela o desgaste desses meios e o cansaço diante dos ruídos da sociedade. Em meio a um fluxo constante e abundante de informações, os jovens encontram refúgio naquilo que traz conforto, memória afetiva e paz, ao mesmo tempo em que os estimula.

As empresas aproveitam as tendências de mercado e a demanda dos jovens por produtos retrô e cobram preços elevados. Em entrevista ao **Contraponto**, Edmilson Felipe, doutor em antropologia e psicanalista, analisa o retorno desses padrões de consumo na sociedade atual: "Esse resgate é um desejo de determinadas gerações, mas ao mesmo tempo não são apenas as pessoas. Você também tem um mercado, uma instituição, cada vez



Cantor Jão lança todos os álbuns recentes também em formato vinil

© Reprodução redes sociais

mais uma valorização desses ambientes para que se venda."

Se, de um lado, existem os jovens que buscam essa representação na temática retrô, temos, em contrapartida, os *Millennials* - os jovens dos anos 70 e 80, agora adultos - que muitas vezes buscam a modernidade e recusam essa conexão com itens antigos. Essa negação pode estar ligada a traumas de uma infância sofrida ou a lembranças de tempos difíceis, o que dificulta a identificação positiva com a temática.

"Do ponto de vista da psicanálise, qualquer retorno que se faça ao passado pode ser valioso, porque traz à tona boas lembranças guardadas no esquecimento, uma certa nostalgia. Mas esse resgate pode despertar o trauma.", afirma Edmilson. Ele destaca que essa viagem no tempo pode ser diferente para cada geração. Quem cresceu com o que é considerado hoje "retrô" pode não querer visitar aquela época. Por isso, será sempre um olhar para o novo.

O distanciamento das gerações mais velhas em relação ao passado é que os discos de vinil, câmeras e outros objetos analógicos que conheciam não são exatamente os mesmos que despertam fascínio nos jovens atuais. O analógico também foi atualizado e teve melhorias em sua qualidade - afinal, a tecnologia avançou. Isso reforça o conceito de moda cíclica que, cada vez mais, tem sido difundido.

Andrea Furco, membro da *Association of Image Consultants International (A.I.C.I.)* e jornalista de moda, explica em seu artigo

"Moda cíclica: tendências do passado que hoje fazem sucesso" sobre como as tendências passam por fases: em alta, fora de moda e adaptada. Assim como as roupas inspiradas em décadas passadas sofrem ajustes para se adaptar ao gosto atual, os objetos também se transformam. As vitrolas de hoje, por exemplo, oferecem muito mais qualidade de som do que as dos tempos de pais e avós.

As marcas têm explorado esse momento de exaustão digital entre os jovens para apostar em campanhas publicitárias. Uma delas é a Polaroid, que viralizou recentemente ao colocar outdoors com frases que associam as fotos analógicas a símbolos de memória, conexão e relacionamento. Entre os slogans estava: "Não se conecte na nuvem, conecte-se com o próximo." Ainda assim, a relação dos jovens com o analógico é distinta: muitos se interessam mais por publicar em suas redes do que por contemplar a imagem fisicamente, descartando os negativos que a originaram.

Assim como outras tendências e fases pelas quais as gerações passam, essa também apresenta contradições. Alguns buscam o analógico como fuga das redes; outros, como forma de estar por dentro das tendências. O retorno de objetos característicos de outras épocas é mais diverso que específico - cada um decide seguir a tendência por questões pessoais no fim das contas. Mas certamente as marcas estarão sempre atentas para identificar, ou até mesmo criar, os motivos que alimentam esse ciclo.

# A importância do cinema como memória de uma época

*A mostra “50 anos depois” da Cinemateca Brasileira chega à sua 4ª edição, exibindo gratuitamente filmes do ano de 1975 de todo o mundo*

Por Anna Sofia Carsughi, Daniela Cid e Sofia Morelli

No dia 7 de agosto de 2025, a Cinemateca Brasileira exibiu o projeto que vem sendo realizado há quatro anos, chamado “50 anos depois”. A iniciativa partiu de Paulo Sacramento, cineasta e cinéfilo, que compreende a importância de reviver antigas obras na tela grande, com novas cópias digitais e resolução em 4K.

Como forma de resgatar o cinema de décadas passadas, o projeto tem como objetivo recordar um contexto histórico ao revitalizar filmes de diversas partes do mundo – dos mais famosos e renomados até os mais estigmatizados, como as conhecidas pornochanchadas.

A ideia surgiu durante a pandemia de Covid-19, enquanto Paulo buscava isolamento na Bahia e completava 50 anos de idade. Ele se indagou sobre o futuro do cinema, lembrou filmes do passado e se questionou quais também estariam completando 50 anos. Dessa lista nasceu a proposta de uma mostra que retratasse uma época, e não apenas gêneros ou diretores, como geralmente ocorre em outras programações.



© Anna Sofia Carsughi

Pôsteres da Mostra “50 anos depois”

## Cinema, um instrumento de preservação da memória

Assim como na história é imprescindível olhar o passado para compreender o presente, o mesmo vale para o cinema. Revisitar cinematografias de décadas anteriores é uma forma de compreender outra época e seus costumes, além de garantir a preservação da memória.

Em entrevista, Paulo Sacramento afirma que o cinema é reflexo da sociedade em que é produzido; por isso, resgatar obras de seu tempo é fundamental para formar uma análise crítica de cada período, estudando o que mudou e o que permaneceu. Nesse contexto, a exibição de filmes de outras décadas é essencial para a preservação histórica e para pensar o futuro.

“Da mesma forma que os olhos do presente iluminam o passado, o olhar do passado também vai iluminar o presente”, afirma Rodrigo Lerner, estudante do terceiro semestre de Cinema na FAAP. Em entrevista ao **Contraponto**, ele explica que os filmes só existem na medida em que são assistidos, e que exibi-los é fundamental para estudar o passado e evitar interpretações anacrônicas.

## Cinemateca como espaço

A Cinemateca Brasileira desempenha papel fundamental na democratização do acesso a filmes raros, como descreve Sacramento: “A mostra é importante para trazer a riqueza de difícil acesso” – possibilitando uma reflexão mais ampla sobre o audiovisual nacional e internacional.

Há também um caráter educativo ao oferecer mostras como “50 anos depois”, que resgatam obras que, de outra forma, permaneceriam invisíveis, ampliando o repertório cultural das novas gerações. Assim como outras programações da Cinemateca, esta é gratuita.

Esse espaço vital alimenta o conhecimento cinéfilo ao proporcionar contato com filmes na tela grande e em alta qualidade, formando público para o cinema nacional. Lerner relaciona essa democratização ao aumento do contato com obras diversas, o que ajuda a educar o público e a superar o debate raso sobre a qualidade do cinema brasileiro.

A Cinemateca é um espaço vivo de inclusão social, que estimula o pensamento crítico por meio de debates promovidos pela própria instituição. Abre-se, assim, uma janela para uma riqueza cultural que vai além do que é oferecido pelos streamings, alcançando obras que, após sua época, foram relegadas às margens.

## Sobre a mostra

A seleção de filmes, nacionais e internacionais, é feita com base em obras que representam a época retratada. Sacramento destaca o contexto cultural “impregnado” nos filmes e busca produções que abordam ideias contraditórias ou impensáveis hoje, mas que revelam muito sobre o passado.

Além dos grandes clássicos, muitas vezes são escolhidos filmes considerados ruins pelo público, justamente por servir como indicadores de aspectos menos glamorosos daquele período histórico. Outro critério é a inclusão de filmes perdidos, muitas vezes censurados na época de lançamento e guardados por décadas.

O coordenador da mostra ressalta que muitos arquivos existem apenas em película ou negativo, e que, após 50 anos,



© Daniela Cid

Livreto da mostra de “50 anos depois”, edição de 1975

começam a se deteriorar. O trabalho de restauração e digitalização realizado pela Cinemateca é, portanto, essencial para evitar que essas obras desapareçam.

## Os anos 70: Nova Hollywood e Brasil frente à ditadura

A crise da “Era de Ouro” em meados dos anos 60 abriu espaço para uma revitalização cinematográfica. O fazer cinema tornou-se mais abrangente, com maior liberdade criativa para explorar temas complexos e controversos. Essa ruptura com os antigos estúdios permitiu autonomia e revolucionou a forma de produzir filmes, caracterizando a chamada “Nova Hollywood” – período marcado pela ascensão do cinema de autor, com nomes como Francis Coppola, Steven Spielberg e Martin Scorsese.

No Brasil, o cinema refletia o cenário nacional. Havia obras que exaltavam um projeto ufanista e caricato, enquanto outras se impunham como resistência à ditadura e à censura, que silenciava a arte. As pornochanchadas, que tiveram seu auge durante o regime militar, foram intensamente estigmatizadas pelo preconceito do público. Revisitar essa década ajuda a compreender o que significava ser brasileiro nos anos 70.

## Reflexo do cinema na atualidade

A exibição de filmes de outras épocas mostra-se cada vez mais necessária. Essas produções são documentos vivos de seu tempo e, além de ampliarem o repertório dos espectadores, ensinam sobre visões, costumes e sobre o caminho percorrido pela indústria cinematográfica.

Estudar obras audiovisuais tem peso semelhante ao estudo da história, como explica Rodrigo Lerner: para entender o presente, é preciso compreender o passado. O cinema é atravessado por questões de época – seja pelas narrativas, seja pelas técnicas, imagens e ideias – e se torna, assim, um instrumento essencial para estudar a história.

## Ensaio fotográfico *Cinemateca Brasileira*

Por Anna Sofia Carsughi, Sofia Morelli, Daniela Cid

Fundada em 1956, a Cinemateca Brasileira é sinônimo de resistência do cinema nacional. Sua fundação descende de antigos clubes de cinema criados por apaixonados pela 7ª arte no país dos anos 40, que mesmo sob a crise de regimes ditatoriais e incêndios, fizeram com que obras das antigas produtoras Atlântida e Vera Cruz fossem salvas, para que hoje possamos reconhecer e aprender sobre a história do Cinema Brasileiro.

Sediada em um patrimônio tombado da cidade de São Paulo, a arquitetura de reconfiguração de Nelson Dupré mantém a estrutura histórica imponente, misturando elementos originais e contemporâneos.



# O que acontece com a música popular brasileira quando seus ídolos se despedem?

*Enquanto vozes icônicas dizem adeus, novos talentos surgem e ganham visibilidade ao renovarem a cultura musical do país*

Por Gabriela Scholze, Giovana Laurelli e Maria Clara Aoki

O tempo passou e chegaram as despedidas de alguns dos artistas que marcaram a história da MPB. Nomes como Milton Nascimento e Gilberto Gil, imortalizados por suas contribuições musicais na segunda metade do século XX, anunciaram suas aposentadorias por meio de turnês que representam não apenas o fim de suas carreiras, mas a celebração de um legado que moldou a identidade musical e política do Brasil. Esses eventos têm gerado especulações sobre o rumo que a música popular brasileira irá tomar.

Em 2022, Milton se despediu dos palcos com “A Última Sessão de Música”, encerrada em novembro do mesmo ano em Belo Horizonte (MG). O título faz jus ao momento: um adeus à voz que, por meio do movimento “Clube de Esquina”, narrou a história de um país. Surgido em BH no início da década de 60, ele foi um dos principais grupos de resistência à Ditadura Militar. O Clube reuniu jovens artistas como Lô Borges, Beto Guedes, Fernando Brant e Márcio Borges, que se apresentaram ao lado de Milton no epílogo de sua carreira.

Outra recente despedida é a celebração de 60 anos de carreira de Gilberto Gil com a turnê “Tempo Rei”, iniciada em 2025 e prorrogada até 2026, com shows por diversas capitais brasileiras. A voz que ultrapassa gerações contagiou mais de 470 mil pessoas, como conta o jornal *O Estado de São Paulo*, e ainda movimentará os fãs com mais doze shows espalhados pelo país.

## Vote ‘Tropicália’

Desde a década de 1960, o fazer musical brasileiro também é político. Gil era um dos líderes do Movimento Tropicália, ao lado de artistas como Caetano Veloso e Rita Lee. Era um movimento revolucionário contrário ao regime militar que buscava romper com estruturas conservadoras para abrir diálogo entre o tradicional e o moderno, a fim de descobrir o que seria “brasileiro de verdade”.

Diversos gêneros eram mesclados: samba, bossa nova e ritmos afro-brasileiros com o estilo vanguardista, além dos pops “britânico” e “americano”. O rock psicodélico que incorporava a guitarra elétrica, instrumento visto como “não brasileiro”, se fundia com elementos da percussão nacional. A genialidade dos artistas que moldaram a contracultura e absorveram a diversidade brasileira tornou-os vozes atemporais de inovação e liberdade.



Gilberto Gil emociona público por todas as regiões do país com turnê grandiosa, porém com ar intimista e familiar

© Portal Tela/Reprodução

## Novos protagonistas

Apesar das despedidas, a música brasileira está longe de perder forças. Marina Lourenço, repórter de cultura do G1, em entrevista exclusiva ao **Contraponto**, diz que a renovação musical é orgânica, “acontece o tempo inteiro”. Mas quem poderia assumir o vácuo que os ídolos brasileiros deixam ao dizerem adeus aos palcos?

A renovação não ocorre de modo unilateral: para Marina, é natural que o público consuma também outros estilos. Vê-se atualmente que os gêneros musicais mais ouvidos pelo brasileiro são o sertanejo e o funk, que por si só carregam artistas de proporções tão significativas quanto os ídolos da MPB. A repórter cita Marília Mendonça como uma das cantoras de maior impacto; ela acumula mais de 11 milhões de ouvintes mensais no Spotify. Ana Castela supera e atinge mais de 13 milhões de ouvintes mensais no streaming.

No funk, Marina cita MC IG, que tem um alcance de, em média, 10 milhões de ouvintes; ela comenta que é impossível não falar sobre a carioca Anitta: “Ela mudou o jeito de ‘se vender’ internacionalmente, fez funk de uma forma que nunca havia sido feita antes na história”. Anitta assume a posição de 65ª artista mais escutada do mundo no aplicativo em 2025.

## Para quem quer mais MPB, vêm aí os netos do gênero

No campo da música popular brasileira, a nova geração mantém viva a herança de seus mestres. Bandas como Bala Desejo e artistas como Tim Bernardes, Liniker, Rubel, Ana Frango Elétrico e Marina Sena exploram a música entre tradição e contemporaneidade. O álbum intitulado *SIM SIM SIM*, do Bala Desejo, bebe diretamente da fonte da Tropicália. Seus integrantes, Julia Mestre, Zé Ibarra e Dora Morelenbaum seguem carreira solo.

Tim Bernardes e Ana Frango Elétrico se apresentam internacionalmente, com

shows lotados na Europa e no Japão. Rubel, com sua música intimista, foi indicado duas vezes ao Grammy Latino e se apresentou ao lado de Gal Costa, uma das divas do ápice da MPB. Ele colaborou também com Adriana Calcanhotto e, recentemente, com Marina Sena no single “Carta de Maria”. Sena, por sua vez, *döppelgänger* da Marisa Monte, é sucesso no TikTok com as músicas “Numa ilha” e “Lua Cheia”, do álbum *Coisas Naturais*, lançado em março de 2025.

Sobre a rede social, Marina afirma: “Acho que o que mais tem chegado hoje na galera jovem brasileira são os cantores que fazem hit no TikTok, dialogando com as gerações Z e Alpha”. De fato, a plataforma é um termômetro não só do que fará sucesso, como também do que continua famoso, ao exemplo da MPB “antiga” sendo retomada nos remixes de funk, os “MTG”, como menciona a jornalista. “É um contexto que conversa mais com a dança do TikTok”. Para ela, o ato de reciclar a cultura brasileira e, assim, criar algo, é o que faz a brasilidade sobreviver, afinal, “todos os gêneros e movimentos culturais se retroalimentam”.

© Maria Magdalena Arrellaga



Gal Costa e Rubel se uniram para a produção de uma versão conjunta sensível do hit Baby, de 1969

## Lendas vivas e ativas

Enquanto novos artistas despontam, outros grandes nomes seguem na ativa. Maria Bethânia comemora, em outubro deste ano, 60 anos de carreira; Ney Matogrosso se apresentou em agosto e desfrutou do sucesso do filme que conta a história de sua vida, *Homem com H*. Marisa Monte está em turnê pelo Brasil, com shows marcados até início de dezembro. O mesmo ocorre com Nando Reis, que percorre atualmente o Sudeste.

Entre despedidas e estreias promissoras, a música brasileira reafirma sua capacidade de renovação sem perder de vista a herança deixada por ícones da história do país.

# Memorial Preta Gil: lembranças de uma vida sem medo

*Uma trajetória ligada pelo afeto entre amigos e família e pela luta corajosa contra o câncer*

Por Julia Naspolini, Larissa Pereira e Laura Paro

Preta Gil construiu sua vida pessoal com a mesma intensidade e transparência que marcaram sua carreira artística. Cresceu cercada pelo universo cultural e formou uma rede sólida de amizades no meio artístico, que a acompanhou até seus últimos dias. Para ela, a vida pessoal era uma extensão da vida pública – e viveu assim, sem reservas, até os 50 anos.

Cercada por amigos como Ivete Sangalo, Carolina Dieckmann e Gominho (Vinicius Gomes da Costa), cultivou afetos profundos e leais. Sua morte, em julho de 2025, mobilizou multidões no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, onde fãs, familiares e artistas transformaram o velório em uma celebração coletiva de sua vida e legado.

## Amores de Preta

Preta sempre contou sua história sem filtros. Em sua autobiografia “Os Primeiros 50” (2024), revelou que seu primeiro amor foi Adriana, uma modelo andrógina. Mais tarde, se assumiu pansexual e dizia com orgulho ser “preta e gorda”. Transformou identidades marginalizadas em força e afirmação. Sua autenticidade radical fez dela um símbolo de coragem e humanidade.

Teve quatro casamentos: o primeiro com Otávio Müller, pai de seu filho Francisco; depois com o roteirista Rafael Dragaud; o terceiro com o mergulhador Carlos Henrique Lima; e o último com o personal trainer Rodrigo Godoy – união que terminou em meio ao tratamento contra um câncer da cantora, após descobrir uma traição por parte do parceiro. Preta expôs a dor com a mesma franqueza com que celebrava suas vitórias, mostrando que vulnerabilidade também é força.

Em 2024, viveu um romance com o cantor Danrlei Orrico, conhecido como O Kannalha, que ela descrevia como uma “intimidade saudável”, sem rótulos. Em 2015, tornou-se avó, tendo a neta Sol de Maria como uma das maiores alegrias de sua vida – presença constante em suas redes sociais e grande fonte de energia durante o tratamento.

Sua despedida refletiu a conexão com o público: as cinzas foram divididas entre locais simbólicos e num busto memorial no Rio. O espaço, aberto à visitação, reúne objetos afetivos e sintetiza sua visão de vida – coletiva, amorosa e disponível para o encontro.

Ao longo de cinco décadas, Preta fez da intimidade um palco. Amou sem pedir licença, chorou em público, falou de sexualidade e traições, assumiu vulnerabilidades

e exibiu suas conquistas. Sua vida foi um manifesto de autenticidade, e sua despedida reafirmou esse legado: uma existência vivida com intensidade, afeto e coragem, permanece viva na memória de todos que a amaram.

## Herança musical

Preta Gil nasceu envolta pela música. Ao longo de sua carreira, publicou 12 álbuns autorais e mais de 270 regravações registradas. Esse patrimônio afetivo e artístico ecoará na voz de seu filho, Francisco Gil, que herdará, não apenas os direitos autorais, mas também a força de uma história que não se apaga.

Antes de se lançar definitivamente como cantora, ela caminhou pela publicidade e pela produção cultural. Mas foi em 2003, aos 29 anos, que se apresentou ao mundo com seu primeiro álbum, *Prêta-à-Porter*. A obra foi marcada pela ousadia da capa – em que Preta posa, pela primeira vez, nua – e por críticas atravessadas de racismo e gordofobia. Ela trouxe também um de seus maiores sucessos: “Sinais de Fogo”, composta por Ana Carolina – especialmente para a amiga.

Nos anos seguintes, vieram os discos “Preta” (2005), “Noite Preta” (2010), “Sou Como Sou” (2012, também em versão Deluxe) e “Todas as Cores” (2017). Muitos deles resultaram em álbuns ao vivo como “Noite Preta” e “Bloco da Preta”. A artista também emprestou sua voz a interpretações – como “Perigosa” (1977), originalmente d’As Frenéticas, e “Não Quero Dinheiro” (1971), de Tim Maia. Em 2021, lançou ao lado de seu filho Francisco Gil a canção “Meu Xodó”, que se tornou uma das mais marcantes de sua carreira.

## A luta contra o câncer

Além de deixar para o mundo uma relação linda com a arte, Preta deixou um legado de coragem na luta contra o câncer. Em janeiro de 2023, foi diagnosticada com Adenocarcinoma na parte final do intestino – um tumor maligno que pode se desenvolver em várias partes do trato digestivo. A cantora descobriu a doença já avançada, depois de passar seis dias internada com dores no hospital. Após a descoberta da doença, ela começou o tratamento na semana seguinte.

O diagnóstico tardio é algo comum no câncer colorretal pela sua comum falta de sintomas na fase inicial, gerando uma alta taxa de letalidade. Um dos exames mais eficientes para descobri-lo é a colonoscopia, utilizado também para descobrir outras doenças, como a de Crohn, colite ou diverticulite.



Preta Gil, artista com grande carreira e vida pessoal marcante, parte aos 50 anos em decorrência de câncer no intestino

Preta, infelizmente, foi um caso de descoberta avançada. A cantora relatou que ignorou os sintomas físicos que o seu corpo dava, tais como prisão de ventre por muitos dias, seguida por diarreia, sangue nas fezes e alteração no formato das evacuações. Em entrevista ao **Contraponto**, a médica, professora e chefe do Departamento de Patologia e Laboratórios da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ, Christiane Leal Corrêa, afirmou: “várias pessoas postergam o exame de colonoscopia, aumentando os riscos de neoplasias com diagnóstico tardio.”

Mesmo com um quadro difícil, um câncer silencioso e agressivo, Preta foi positiva. Desde o início compartilhou em suas redes sobre seu diagnóstico e sua esperança no tratamento. A artista passou por cirurgia para retirada do tumor e das metástases, por quimioterapia e por uma operação de amputação do reto – que a deixou com uma bolsa de colostomia definitiva. Ela chegou a viajar para os Estados Unidos em 2024 e em 2025, em busca de medicamentos novos e alternativos. Mas, em 20 de julho deste ano, Preta Gil faleceu.

Sua história e sua luta ficam de exemplo para seus fãs e para milhões de brasileiros. Na semana seguinte após sua partida, houve um aumento na procura do exame de colonoscopia nos hospitais – 99% apenas no A.C. Camargo Cancer Center, em São Paulo. De 2015 a 2023, também aumentaram em 80% os casos de câncer colorretal no Brasil, de acordo com o Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS).

Além disso, Preta ajudou a quebrar o tabu não só no exame, como no tratamento ao falar abertamente sobre sua bolsa de colostomia. “Dessa vez vou ficar para sempre com essa bolsinha e sou muito grata a ela por isso. Estou me acostumando”, disse a cantora em um vídeo no Instagram. Para a Dra. Christiane, a conversa sobre o câncer de cólon é fundamental. “O poder da informação é o que afasta o medo. Penso ser a principal contribuição”, destaca.

# Exposição sobre Racionais MC's resgata a influência do rap na cultura e na representatividade da periferia

*Homenageado no Museu das Favelas, o grupo foi responsável por unir as quebradas de São Paulo e trazer a realidade delas à luz do centro*

Por Davi Rezende, Guilherme Santos, Luana Marinho, Rafael Jorge e Rafael Pessoa

O Museu das Favelas, localizado no Largo Páteo do Colégio, centro antigo de São Paulo, exibe a exposição “Racionais MC's: O Quinto Elemento”, que percorre a história dos quatro integrantes desde suas origens nas periferias até a consagração nacional do grupo com álbuns que influenciaram o mundo do rap e da cultura brasileira. A paixão dos rappers pelo grafite e futebol também é abordada.

A mostra contou com a curadoria de Eliane Dias, empresária do grupo desde 2013. A seleção dos materiais possui depoimentos e objetos pessoais e exclusivos dos MC's, além de explorar a identidade de cada um deles através das histórias de shows e de lançamentos. Além disso, a mostra também discute o mito de que o Racionais seria o grupo de rap mais antigo em atividade no Brasil.

## A Origem do Racionais MC's

A história do Museu das Favelas se cruza com a do Racionais MC's – suas semelhanças são esclarecidas na exposição. O museu, a antiga sede do governo do estado de São Paulo, ocupa um espaço antigamente frequentado pela elite aristocrática – agora adaptado para dar visibilidade às narrativas da periferia. Já o grupo de rappers, por sua vez, traz a realidade das favelas da zona norte e sul da capital paulista para os holofotes da atenção pública, unindo a população periférica através de uma arte que gera identificação. Ambas trazem para o centro essa comunidade que, ao longo da história, foi excluída.

Formado por zonas distintas de São Paulo, o conjunto nasceu em 1988 pela união de Pedro Paulo Soares (Mano Brown), Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue), Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e Kleber Lelis Simões (KL Jay). Os dois primeiros integrantes nasceram na zona sul, no bairro do Capão Redondo, e os dois últimos da zona norte, Vila Mazzei e Tucuruvi, respectivamente.

No documentário original da Netflix “Racionais MC's - Das Ruas de São Paulo pro Mundo” (2022), o grupo conta que se conheceu em rodas de rap no centro da cidade. Se inspiraram em artistas estadunidenses como Marvin Gaye, Public Enemy e NWA e começaram a produzir suas músicas através de EP's lançados entre 1989 e 1992. Seu primeiro álbum de estúdio foi “Raio X do Brasil”, em 1993.

O hip-hop, influenciado pela cultura norte-americana, inicialmente ganhou notoriedade no Brasil de forma mais ni-

chada entre os grupos de rap que já o consumiam, cenário que o Racionais mudou através de suas primeiras produções. Foi no início dos anos 1990, com o sucesso do primeiro álbum, que o grupo passou a dialogar diretamente com as ruas. Eles incorporaram a sonoridade brasileira e evidenciaram a luta da periferia contra a opressão e a violência.

“Essa foi a grande revolução, quando popularizou. Furou o primeiro bloqueio, que foi entrar na periferia.”, reforça Mano Brown no documentário. O rapper ainda afirma que conseguiram atingir o público brasileiro quando gravaram ‘Homem na Estrada’. “Como você vai falar de negro e branco, pobre e rico, pra um brasileiro? Ele não é do Bronx.”, observa.

A música citada por Brown é um exemplo de como o grupo abraçou a brasilidade em suas produções a partir de seu primeiro álbum. A canção utiliza um sample do clássico da MPB “Ela Partiu” (1976), de Tim Maia, que exerceu grande influência na criação do grupo, até na escolha de seu nome, que faz referência à fase “racional” do cantor.

Ainda no documentário, Serafim, diretor de marketing da Zimbabwe, primeira gravadora do conjunto, destaca: “A música do dia pra noite foi uma pancada. A cada dez carros que passavam, oito ouviam ‘Homem na Estrada’”.

Nos nove anos seguintes, o Racionais lançaria os dois álbuns de maior sucesso de sua discografia, que também são considerados os discos de rap mais importantes da música brasileira. “Sobrevivendo no Inferno”, de 1997, se tornou livro e, em 2018, entrou para a lista de leitura obrigatória do vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Já o “Nada Como um Dia Após o Outro Dia Vol. 1 & 2”, lançado em 2002, se tornou o álbum com a faixa mais ouvida do grupo na plataforma Spotify, com cerca de 247,5 milhões de reproduções.

Para os MC's, o disco de 2002 foi o responsável por aproximá-los novamente da população periférica após um período de sucesso e holofotes, mostrando que a música é capaz de unir as duas realidades. Nas palavras de KL Jay, ainda no documentário da Netflix, o álbum “é uma mistura de ambição com afronta, autoestima e independência”. Brown completa: “Ali a gente conseguiu trazer a periferia junto; gente que não curti rap, mas que passou a gostar do conceito de representar a sua quebrada, de não abaixar a cabeça pra ninguém.”.

## Museu das Favelas e a exposição

O museu, antigo Palácio dos Campos Elíseos, foi um casarão com o intuito de abrigar Elias Antônio Pacheco e Chaves, cafeicultor e vice-presidente da província de São Paulo, em 1899. Em 1911, o Governo de São Paulo torna o prédio a residência oficial dos governadores. O palácio foi tombado 66 anos depois pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT).

Desde novembro de 2021, o espaço foi reformulado pela Secretaria da Cultura e se tornou o Museu das Favelas, resignificando o que um dia foi um palacete de glorificação do governo paulistano e seu extenso uso de mão de obra escravizada em um ambiente de pesquisa e preservação das memórias e potências criativas das favelas brasileiras.

O espaço oferece uma programação de exposições temporárias divididas entre seus três andares, além de organizar ações culturais e educativas que resgatem elementos da vivência periférica para dentro do imaginário popular. Todos os programas e atrações possuem entrada gratuita.

© Rafael Pessoa



Foto das matérias dos racionais no acervo do museu com o reflexo dos personagens de uma ilustração atrás

A exposição não procura contar a história do grupo de forma linear e cronológica, mas sim explorar a ancestralidade dos integrantes e aspectos de suas músicas, como conceitos usados em seus shows e álbuns. A influência dos quatro na cultura do rap e da periferia de São Paulo também é abordada.

Toda a identidade visual do terceiro andar do Museu das Favelas faz referência aos elementos do cotidiano e da arte das ruas da capital paulista, juntamente com frases e símbolos presentes nas composições dos rappers. Logo na entrada se destacam placas similares às de sinalização do metrô de São Paulo, com títulos de músicas como “Da Ponte Pra Cá” e “Vida Loka”, e até de bairros marcantes na trajetória dos artistas, como o Capão Redondo.

Ainda no início da exposição, destaca-se a figura de um palhaço com os olhos vermelhos. Este símbolo é familiar para quem já foi a um show do grupo até 2013, pois ele costumava ficar estampado no fundo do palco. O “Lord Joker”, como é chamado, voltou a aparecer nas apresentações, mas dessa vez é representado e interpretado pelo dançarino de break Jorge Paixão, que utiliza um figurino semelhante ao ícone.

A imagem exposta representa uma representação do rap, um protesto irônico que afronta e simboliza a tragicomédia vivida pelos quatro rappers. Uma placa ao lado do traje explica: “Lord Joker quer nos mostrar que, independente das adversidades do dia a dia, devemos estar de cabeça erguida”.

Na sala ao lado, sob o som de “Negro Drama”, a exposição mostra a origem de cada integrante através de imagens pessoais, textos sobre suas mães e um mapa que mostra a ascendência de cada um deles. Essa é uma forma de ressaltar o reconhecimento do passado para uma população que teve sua história apagada pelo processo colonizador da escravidão.

Uma frase é entoada pela sala: “Essa vai pra você, que não virou comida de tubarão”. Ela é comum nas apresentações feitas por Mano Brown antes de cantar nos shows e refere-se aos quase 2 milhões de escravizados que eram jogados no mar durante as travessias marítimas em direção às Américas no século 19. O grupo sempre buscou combater as raízes dos preconceitos e das desigualdades por meio das palavras, seja nas letras ou nas conversas.

A mostra ainda reserva um lugar especial em homenagem às grandes figuras que morreram desde a criação do Racionais MC’s e que, de certo modo, foram



© Luana Marinho

Gráfico exposto na exposição sobre as origens dos integrantes do Racionais

inspiração para eles. O memorial, em formato de cruz e com as paredes recheadas de grafites, agrega diversas fotos e textos de personalidades e ícones do rap, rock e até de conhecidos da vida dos artistas. Dentre os homenageados estão o rapper Sabotage, o Mr. Catra, o cantor Chorão e Dimas, “o bom ladrão” da tradição cristã, que é citado na música “Vida Loka, Pt. 2” como o primeiro “vida loka” da história, após ser crucificado com Jesus Cristo.

### O Racionais MC's além do rap

Mais do que praticantes do ritmo e poesia, os integrantes do Racionais MC's transformaram-se em cronistas da vida urbana, porta-vozes de uma juventude marcada pela desigualdade, violência policial e pela falta de oportunidades. Com letras incisivas e narrativas densas, trouxeram ao rap brasileiro uma identidade própria, conectada às ruas das quebradas paulistanas. Além do reconhecimento da relevância do grupo transcender o universo musical para outras esferas públicas.

Em 2025, seus integrantes receberam o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em reconhecimento à sua contribuição intelectual e social. Pela primeira vez o título foi entregue a um conjunto de pessoas, e não apenas a uma personalidade. “Vocês são muito mais do que um grupo musical. Vocês são um movimento”, afirmou Andréia Galvão, diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH), ao apresentar os rappers durante a cerimônia.

Além do prestígio acadêmico, os MC's também foram destaque no carnaval de

2024 através do desfile apresentado pela escola de samba Vai-Vai, uma das mais tradicionais de São Paulo. O título do enredo foi “Capítulo 4, Versículo 3: Da Rua e do Povo; o Hip-hop: Um Manifesto Paulistano”, que fez uma referência a um dos sucessos do álbum “Sobrevivendo no Inferno” (1997).

Em entrevista ao **Contraponto**, o idealizador do tema, Sidnei França, conta que, durante o processo de escolha do nome do desfile, se lembrou da música “Capítulo 4, Versículo 3”, que chamava muito a sua atenção na adolescência. A letra fala sobre injustiça social e questões identitárias, e era justamente o que ele queria trazer para o discurso. “Os Racionais MC's são os grandes expoentes do rap nacional, levando o gênero a outro patamar de visibilidade, identidade e projeção midiática. Então, com base nisso, fechamos com esse nome”, acrescenta.

Separados por quase 80 anos de história, ambos os movimentos nasceram da cultura preta, nas periferias, e enfrentaram rejeições semelhantes da indústria cultural. França reflete sobre a relação entre o hip-hop e o samba. “Ambos precisaram furar o cerco de um elitismo cultural que define o que é válido, comercial e o que deve ser consumido”, explica.

Sidnei França cita um trecho da canção “O oitavo anjo” (2000), do grupo 509: “E ‘Acharam que eu estava derrotado. Quem achou estava errado.’” A afirmação do carnavalesco dialoga diretamente com o legado do Racionais MC's, que segue fazendo história: seja na música, na Academia, nos desfiles ou, agora apresentada no museu.

# Entre amor e obsessão, conheça a cultura da Taylormania

O sucesso histórico de Taylor Swift expõe a força - e os riscos - da cultura pop na era dos algoritmos

Por Jessica Castro, Livia Rozada e Maria Clara Palmeira

Se os anos 1960 foram dominados pela *Beatlemania*, os anos a partir de 2010 convivem com o auge da *Taylormania*. A cantora americana tornou-se um fenômeno cultural global, atraindo multidões, quebrando recordes e deixando uma marca inédita na história da música. Ela se consolidou como porta-voz de uma geração ao falar de temas como amadurecimento, relacionamentos, identidade e empoderamento. Para os fãs, fazer parte desse universo vai além do gosto musical, é uma experiência de pertencimento compartilhada entre eles.

Esse fenômeno ajuda a entender como a indústria do entretenimento mudou nas últimas décadas. O que antes dependia de discos, revistas e programas de TV, hoje é potencializado por redes sociais e algoritmos de plataformas de streaming. A *Taylormania* não é apenas resultado do carisma da cantora, mas também de uma engrenagem cultural que faz com que cada música, cada turnê se tornem parte de uma narrativa maior.



© Reprodução: Instagram/@taylorswift

Taylor com fã no ato do álbum "Red", em sua passagem pelo Brasil

## Um espetáculo sem precedentes

A turnê *The Eras Tour*, realizada entre 2023 e 2024, contou com 152 shows distribuídos pelos cinco continentes e reuniu mais de 10 milhões de fãs, com uma bilheteria que ultrapassou US\$2 bilhões – segundo dados divulgados pela equipe da cantora – tornando-se uma das turnês mais lucrativas da história.

No Brasil, a pré-venda de ingressos esgotou em 37 minutos, somando mais de 1 milhão de pessoas na fila virtual do portal de vendas. O impacto foi tão grande que plataformas, como a Ticketmaster, enfrentaram uma pane mundial com 14 milhões de acessos simultâneos nos

Estados Unidos. O fenômeno, que lembra a histeria coletiva pelos Beatles nos anos 1960, ganha uma dimensão ainda maior pela força das redes sociais hoje. O grupo londrino chegou a alcançar recordes para a época com 55.600 pessoas em um show – inclusive considerado o primeiro de rock realizado em um estádio.

## O outro lado da Taylormania

Mas, como todo excesso, essa devoção também pode ser prejudicial. Muitos fãs relataram crises de ansiedade e frustração ao não conseguirem ingressos, enfrentarem filas virtuais intermináveis e os gastos acima do planejado para acompanhar a artista. A pressão por 'pertencer' à comunidade *swiftie* pode gerar um ciclo de consumo intenso, desde os ingressos até produtos licenciados e conteúdos digitais.

Para entender como a *Taylormania* se conecta com a história da cultura pop, o jornalista Pablo Miyazawa, ex-editor da *Rolling Stone Brasil* relata que não existia uma relação entre os fenômenos, pois não percebia que a 'mania' da Taylor Swift estivesse tão intensa.

"Ela sempre foi constante. Desde que alcançou outro patamar, entre 2011 e 2014, já se via como um fenômeno típico do pop: uma artista que acerta o espírito do tempo, conecta-se com fãs e preenche uma lacuna de idolatria", destaca.

Para Miyazawa, o vínculo foi reforçado pela forma como a artista administra a carreira e o culto em torno de si, com turnês como a *The Eras*, pulseiras de amizade e letras que estimulam a interpretação. Os fãs acompanham sua vida quase como um culto, defendendo-a incondicionalmente. "Com os Beatles foi diferente. A *Beatlemania* foi intensa, mas curta. Era um fenômeno típico de boyband dos anos 1960, com fãs adolescentes gritando em estádios e perseguindo os músicos", ressalta o jornalista.

Ao destacar que a longevidade da carreira de Taylor está ligada à forma como ela conduz sua imagem e mantém um elo constante com o público, Miyazawa mostra que a *Taylormania* vai além da música: trata-se de uma relação construída na vida cotidiana dos fãs, em shows, símbolos e narrativas. Essa dimensão cultural, porém, só se torna tão intensa porque encontra terreno fértil na experiência individual, sobretudo entre adolescentes e jovens que buscam referências para se reconhecer e se afirmar.

## O encontro entre a identificação e autoestima

A busca por ídolos como Taylor Swift faz parte de um processo natural do desenvolvimento humano, segundo a psi-

cóloga Danielle Sena. Ela explica que a adolescência é marcada pela construção da identidade, e nesse período as referências externas têm um papel fundamental. "As referências ajudam na constituição de si. Porque o adolescente se vê perdido com tantas possibilidades de ser na vida e as referências ajudam ele a se construir, seja pelo que ele gosta, pelo que ele tem afinidade, intimidade, por aquilo que tem valor e sentido", afirma.

O ex-diretor da *Rolling Stone Brasil* ainda pontua que o diferencial da Taylor é a construção de sua carreira em torno da relação com os fãs – que acompanham o envelhecimento deles junto com o da estrela. Assim, não há motivo para que abandonem a artista. O paralelo que ele enxerga é o fanatismo juvenil em torno de uma figura pop – algo presente desde Elvis –, mas com ferramentas modernas, como redes sociais, que ampliam a intensidade e prolongam essa conexão.

Pablo finaliza pontuando que "qualquer idolatria é perigosa". Ele retoma o caso de John Lennon, assassinado por um fã. "Não acho que algo assim aconteça com a Taylor hoje, mas vejo mais riscos vindos de quem não gosta dela, principalmente nesse contexto político polarizado", reforça. Ele explica que a cantora tem consciência do próprio poder e, por isso, evita se posicionar em causas mais delicadas, equilibrando a influência com a responsabilidade.

Ter ídolos pode ser saudável, já que eles oferecem direção, inspiração e até conforto em momentos difíceis. O problema surge quando a relação deixa de ser crítica. "quando colocamos alguém em um pedestal é preciso ter muito cuidado. Se não temos análise crítica, corremos o risco da idolatria ser maligna.", alerta a psicóloga.

O ponto-chave está na gestão das emoções. Danielle recomenda que os fãs reflitam sobre como a relação com a música e com a comunidade *swiftie* impacta seu bem-estar. "Preste atenção no que sente quando se conecta com a Taylor. Se isso gera pertencimento e bem-estar, não há problema algum. Mas, se provoca tristeza, ansiedade ou afeta sua saúde, talvez seja hora de rever essa relação e buscar outras referências também", orienta.

Assim como os Beatles moldaram a juventude de sua época, Taylor Swift se tornou a voz de uma geração. Mas se antes a histeria coletiva tinha limites físicos, hoje ela se expande sem freios digitais. A *Taylormania* é, ao mesmo tempo, celebração e alerta: mostra o poder da música de unir milhões de pessoas, mas também revela como os algoritmos e a superexposição podem transformar a paixão em pressão.

# O monstro queer sai do armário

Entre presas e espartilhos, o terror abraça histórias LGBTQIAPN+ sem rodeios

Por Eduarda Amaral, Emily de Matos e Luis Henrique Oliveira

Há algo profundamente libertador em ver um vampiro beijar sua vítima sem que a câmera desvie o olhar ou que o roteiro transforme desejo em metáfora. Durante muito tempo, o terror foi o único gênero em que personagens *queer* podiam existir – ainda que disfarçados de criaturas da noite, condenados a nunca dizer seus nomes verdadeiros e quase sempre punidos no desfecho da narrativa.

O cenário mudou. As produções contemporâneas não precisam mais ocultar a homossexualidade sob o véu do vampirismo nem traduzir identidades trans em metáforas de monstros. Hoje, podem gritar o que antes era apenas sussurrado.

A série “Entrevista com o Vampiro”, da AMC, assume sem rodeios o romance entre Louis e Lestat. Já o filme “Bodies Bodies Bodies” coloca relacionamentos lésbicos no centro de sua trama slasher, sem transformá-lo em conflito. O terror está na paranóia e nas relações tóxicas entre amigos, não na sexualidade dos personagens. O horror queer contemporâneo não pede desculpas por existir.

Essa revolução tem raízes profundas. Para entender a passagem dos códigos secretos à representatividade explícita é preciso voltar ao século XIX, quando uma jovem aristocrata chamada Carmilla sussurrava palavras de amor nos ouvidos de Laura, sua “amiga” austríaca. Décadas antes de Drácula aterrorizar Londres, Sheridan Le Fanu criou algo mais subversivo: uma criatura que seduzia mulheres e desafiava não apenas a vida, mas as estruturas heteronormativas da sociedade vitoriana.

Ao usar o sobrenatural como metáfora para orientações sexuais e identidades de

gênero fora dos padrões de antigamente, Sheridan Le Fanu influenciou gerações de obras. Ao longo da literatura, o horror LGBT deixou de ser apenas narrativa de medo para se tornar linguagem simbólica. Esses clássicos moldaram o cinema de terror contemporâneo, que ressignificou tais representações em histórias capazes de desafiar preconceitos e afirmar novas formas de pertencimento.

Essa herança literária encontrou novo palco no século XX com “The Rocky Horror Picture Show” (1975), musical que mistura terror e comédia e trouxe a sexualidade queer para o centro do debate. A trama acompanha Brad Majors (Barry Bostwick) e Janet Weiss (Susan Sarandon), um casal de noivos que, após ficarem presos durante uma tempestade, busca abrigo em uma mansão misteriosa. Lá, encontram o Dr. Frank-N-Furter (Tim Curry), cientista travesti do planeta Transexual, anfitrião de uma festa repleta de personagens excêntricos e situações surrealistas.

O filme de Jim Sharman não apenas abordava temas como bissexualidade, liberdade sexual e expressões de gênero, mas também os celebrava. Frank-N-Furter não era punido por se desviar da heterocis-normatividade que dominava o cinema dos anos 1970 nem por usar espartilhos, meias arrastão ou maquiagem. Pelo contrário: era glorificado, convidando o público a abraçar seus desejos sem restrições.

Não por acaso, numa época em que 9,3% da população dos Estados Unidos se identifica como parte da comunidade LGBTQIAPN+, sendo 23% composta por jovens da Geração Z, segundo a Gallup, o gênero cresce ao mostrar histórias em que a “monstruosidade” vira normalidade e o que se chama de “normal” aparece como o grande vilão.

© Reprodução/Festival do Rio



Diego Montez faz o papel de Thomas em “A Herança”

Em uma sociedade que ainda discute se pessoas trans podem usar banheiros públicos, os monstros que ultrapassam a barreira da binariedade se transformam em símbolos de resistência. Enquanto em 2023, parlamentares republicanos do Tennessee criminalizavam apresentações de *drag queens* para crianças, personagens como Frank-N-Furter eram ovacionados por ostentar sua natureza de cabeça erguida. O recado atravessa décadas: se querem vê-los como aberrações, então serão com orgulho.

No Brasil, onde 12% da população se identifica como *queer* segundo pesquisa da USP e da Unesp de 2022, a representação cinematográfica também encontrou espaço em produções que vão além das criaturas sobrenaturais. É o caso de “A Herança” (2024), dirigido por João Cândido Zacharias.

O longa acompanha Thomas, jovem que retorna ao país com o namorado após a morte da mãe. Ao chegar, descobre ser o único herdeiro de uma avó distante e passa a conviver com duas tias idosas, que o recebem como filho. Enquanto Thomas se encanta pela vida no campo, seu companheiro, Beni, suspeita de uma presença sombria na casa.

“O terror sempre dá uma liberdade maior para contar a história que for. Como espectador e diretor, vejo nele ferramentas para tratar de questões sociais, emocionais e psicológicas sem precisar explicar tudo”, disse Zacharias em entrevista ao **Contraponto**.

A fala do cineasta ajuda a entender o papel do gênero ao longo da história. Desde Carmilla, o terror tem sido usado para abordar tabus por meio do subtexto sobrenatural, sem pedir licença – seja ao tratar da identidade sexual ou da exclusão de grupos sociais. “O terror é muito *queer-friendly*. Existe uma relação inconsciente com monstros, mudanças físicas, a sensação de estar no lugar errado”, afirmou.

Nesse contexto, Zacharias destaca sua missão ao trabalhar com o nicho: “Quero representar um movimento maior. Que meu filme seja mais um passo e abra caminho para os próximos, ampliando a presença de personagens queer no cinema.”



© Reprodução/CNN Brasil

A 50 anos atrás, The Rocky Horror Picture Show era lançado e debatia sobre questões LGBTs

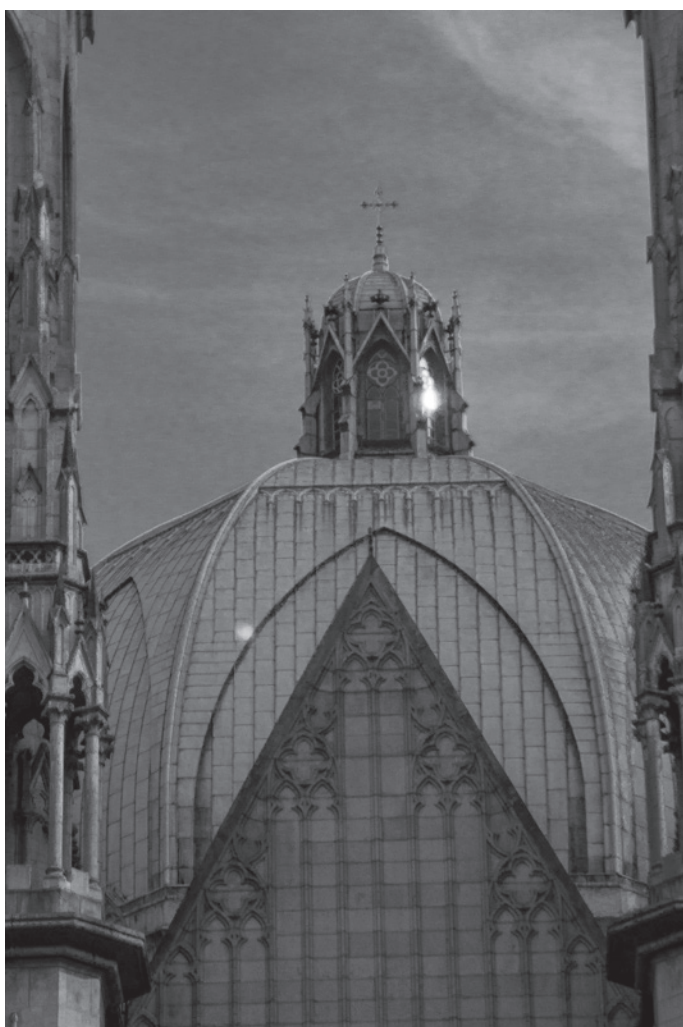
## Ensaio fotográfico Centro Histórico de São Paulo

Por Rafael Pessoa

O centro de São Paulo é composto por contradições: as ruas estão lotadas e abandonadas, policiadas e perigosas, encantadoras e distantes. Em um mesmo espaço duas cidades diferentes entram em choque, o prédio imponente que abriga a prefeitura de São Paulo parece ignorar quem está debaixo do Viaduto do Chá. Monumentos históricos de tempos esquecidos competem com as fachadas cada vez mais modernas e sujas de uma cidade que não descansa.

A última medida tomada pela prefeitura da cidade a respeito do centro aprova mudanças em plano urbanístico para fortalecer comércios do centro da cidade”, mas isso soa como palavras vazias. Não elimina os problemas do centro, que carece de cuidados causando a impressão de que devemos olhar apenas para o passado; suas esculturas, monumentos e museus e não para o presente, que mostra miséria, fome e solidão.





# Mirassol surpreende no ano de seu centenário

*A equipe tem um dos projetos mais promissores do futebol nos últimos anos*

Por Enrico Peres, Fernando Amaral, Guilbert Inácio, Nicolas Beneton e Pedro Zolesi

O Mirassol Futebol Clube, fundado em 09 de novembro de 1925, carrega o nome de um pequeno município no interior do estado de São Paulo. Inicialmente amador, com as cores verde e amarelo, o clube surgiu para representar a cidade em amistosos e campeonatos regionais. Até 2025, o Leão Caipira era lembrado pelos fãs de futebol, por uma goleada histórica por 6 a 2 contra o time do Palmeiras no Estádio Municipal José Maria de Campos Maia, casa do Mirassol, pela fase de grupos do campeonato paulista de 2013. Porém a história do clube vai além deste jogo.

Hoje, a torcida do Mirassol tem vários motivos para comemorar no ano de seu centenário. A equipe interiorana tem um dos centros de treinamento (CT) mais modernos do país e pela primeira vez em sua história pertence a elite do futebol brasileiro, feito conquistado após garantir o acesso para a série A do campeonato nacional ao terminar na vice-liderança da série B, em 2024.

## O chute inicial

A profissionalização do Mirassol se deu em 1951, quando o time disputou pela primeira vez a segunda divisão do Campeonato Paulista (hoje, Série A2). Contudo, a atuação do clube no futebol profissional foi curta, voltando ao futebol amador no ano seguinte, devido às dificuldades estruturais em disputar um campeonato de nível estadual.

Nove anos depois, após vencer o Campeonato Paulista da Terceira Divisão (hoje, Paulista Segunda Divisão), o Mirassol se profissionalizou novamente, status que não perdeu até hoje. A atuação na competição concedeu o acesso para a disputa da Segunda Divisão, em 1961.

Na mesma época surgiu outra equipe em Mirassol, o Grêmio Recreação e Esportivo Cultura (Grec), que disputou a Segunda Divisão com o Leão Caipira em 1962 e 1963. Nascia ali uma rivalidade, mas o medo das diretorias dos clubes de que a disputa acarretasse o enfraquecimento dos times fez com que os dirigentes, em 1964, tomassem a decisão de fundir os clubes. Surge aí o Mirassol Atlético Clube com seu uniforme azul e branco.

A parceria durou 18 anos, tempo em que o time representou a cidade do interior em 11 edições do Campeonato Paulista. Em 1981, a fusão foi desfeita por causa da distância dos associados do Grec da direção do clube. Assim, o Grec deixou de existir e o Mirassol Futebol Clube estava de volta ao futebol para disputar a Terceira Divisão do Paulista. Quatro anos depois, o Leão Caipira subiu de divisão, em que ficou até 1993.

No ano seguinte, as divisões do Campeonato Paulista foram reorganizadas para o formato que conhecemos hoje. Como a Primeira Divisão, com dois grupos, foi dividida em Série A1 (grupo 1) e série A2 (grupo 2), o Mirassol passou para a Série A3. Foi aí que o clube conseguiu o primeiro título em sua história. Em 17 de agosto de 1997, venceu o União Barbarense por 1 a 0 no Estádio Antônio Lins Ribeiro Guimarães, em Santa Bárbara d'Oeste (SP), e levantou a taça da A3, além de conseguir o acesso para a A2. O clube caiu em 2003, mas retornou no ano seguinte.

Em 2007, pela primeira vez na sua história, o clube subiu para a elite do futebol paulista. Dois anos depois, o clube foi o sétimo colocado no campeonato, e garantiu a vaga no Troféu Interior Paulista (hoje, Taça Independência) e a vaga para disputar pela primeira vez um campeonato nacional, a Série D do Campeonato Brasileiro. O time passou seis temporadas na Série A1, tendo sua melhor campanha em 2011, quando chegou às quartas de final.

Contudo a boa fase acabou em 2013, quando o Mirassol foi rebaixado. O clube retornou à elite paulista em 2016, na qual permanece até hoje. A partir daí, a história do clube começou a mudar drasticamente com a construção de um dos CTs mais modernos do país.

## CT do Mirassol

Atualmente, o Mirassol vive um crescimento que vai muito além das quatro linhas. A estrutura conquistada nos últimos anos transformou o ambiente em um verdadeiro polo de desenvolvimento esportivo, com equipamentos e espaços que contribuem diretamente para a evolução do time como um todo.

O sonho da construção do CT começou a ganhar força em 2017 e teve um impulso decisivo em 2018, quando a venda do atacante Luiz Araújo movimentou os cofres do clube e abriu caminho para um projeto ousado de qualificação.

Hoje no Flamengo, Araújo foi peça-chave nessa transformação. Revelado nas categorias de base do Mirassol, o jogador chamou a atenção do São Paulo, que posteriormente o negociou com o Lille, da França. Na transação, o Leão Caipira detinha 30% dos direitos econômicos e arrecadou cerca de R\$8 milhões. Mais da metade desse valor foi investido na construção do centro de treinamento.

Com uma área de 1,5 mil m<sup>2</sup>, o centro de treinamento oferece infraestrutura de ponta com quatro campos, 20 acomodações modernas, cápsula de flutuação, banheiras de água quente e fria, além de refeitório, cozinha, sala de jogos, imprensa e diretoria. O espaço também conta com rouparia para base e profissionais, lavanderia, academia, fisioterapia, fisiologia, piscina e estacionamento.

Para completar, há vestiários destinados à comissão técnica, atletas profissionais e categorias de base. Mais do que um espaço, o centro simboliza a ambição do Mirassol em se consolidar como um clube de projeção nacional, preparado para disputar competições de alto nível e formar novos talentos para o futebol.

Gustavo Villa, torcedor, setorista e narrador dos jogos do clube, que cobre o Mirassol desde a segunda metade dos anos 2000 e é neto de um dos compositores do hino do clube, apontou os principais responsáveis pelo bom momento do time: "Hoje, é importante falar sobre quem comanda o Mirassol, o presidente Edson Antônio Ermenegildo que, além de estar à frente do clube há mais de 30 anos, foi eleito prefeito da cidade de Mirassol em 2024".

Villa conta, também, que o vice-presidente da equipe também é um grande investidor, por ser dono de uma rede de supermercados da região.

Segundo Gustavo, as pretensões do Mirassol não podem ser as mesmas que a do Red Bull Bragantino, por exemplo, pelo fato do investimento do clube de Bragança



Em parceria com o Athletico, o Mirassol lançou seu uniforme com inspiração na seleção canarinho de 1970, na foto, O lateral esquerdo Reinaldo



© Reprodução Gustavo Villa

**Gustavo Villa, além de torcedor fanático, o jornalista narra os jogos do time pela TS Rádio Mirassol**

Paulista ser muito maior, pelo dinheiro vindo da Red Bull, sociedade anônima do futebol (SAF) que administra o clube.

Ele finaliza dizendo que não acredita que o Mirassol tenha pretensões de se tornar uma SAF no momento, mas pontua que pelo que conhece da gestão, se fosse esse modelo fosse implementado no clube, seria feito de uma maneira correta e organizada.

### Acesso à elite do futebol nacional

Desde 2020, quando o clube conquistou seu primeiro título nacional: Brasileiro Série D, o investimento, iniciado naquela época, teve resultados na consolidação da equipe. No passar das temporadas, as contratações foram feitas com base nas oportunidades do mercado, foi assim que Camilo, jogador com passagens pelo Internacional, Botafogo e Sport Recife, chegou a equipe e liderou à conquista da Série C do Brasileiro, em 2022.

No ano de 2023, quando o clube estreou na Série B do campeonato nacional, a equipe comandada por Ricardo Catalá encontrava uma grande dificuldade no campeonato: a falta de consistência ofensiva e irregularidade nas partidas fora de casa.

A falta de resultados gerou uma pressão interna, o que fez com que partidas "fáceis" se tornassem difíceis e pontos preciosos fossem perdidos. Um desgaste do elenco se criou e a demissão do treinador foi o melhor para ambas as partes.

O clube apostou em Mozart Santos, que tinha passagens por Santos e CSA. A escolha fez com que o Leão brigasse pelo

acesso até o final, ficou na 6ª colocação, a apenas um ponto do quarto colocado da competição - posição que dá acesso à divisão superior.

Com a base do elenco preservada e reforços pontuais, a equipe começou a temporada de 2024 com um foco claro - o acesso. Ao longo das rodadas, a campanha se mostrou consistente, com destaque para a competente defesa, gols de Dellatorre e assistências de Danielzinho.

Na rodada final da Série B, realizada em 24 de novembro de 2024, o Mirassol conquistou uma vitória de 1 a 0 sobre a Chapecoense. Com esse resultado, o clube garantiu seu acesso à primeira divisão pela primeira vez na história do clube.

O Leão Caipira encerrou a competição, sendo vice-campeão da Série B, com 67 pontos, 19 vitórias, dez empates e apenas nove derrotas, dando esperanças à torcida para a temporada de 2025.

Thiago Henrique, administrador da página *Central do Mirassol no X*, conta que já havia criado outras páginas sobre futebol no passado, mas nenhuma alcançou o sucesso atual.

Na avaliação de Thiago, a marca do Mirassol nas redes já se consolidou nacionalmente, muito em razão do desempenho da equipe neste ano. Ele observa que o maior engajamento acontece no Instagram, com publicações frequentes sobre o dia a dia e conteúdos alinhados às trends do momento.

Já no X, aponta uma falta de cuidado com o perfil oficial do clube, que, segundo ele, apresenta pouco acompanhamento das partidas e ainda é o único entre os times da Série A sem verificação na plataforma.

### Campanha na Série A

Para a estreia na Série A, a diretoria do clube apostou na contratação de jogadores experientes, seja com veteranos como

o goleiro Walter, ex-Corinthians, e Reinaldo, ex-São Paulo, ou antigas promessas que não vingaram.

Essa estratégia da diretoria, resultou em uma reformulação não só do elenco, como também da comissão técnica. Eduardo Barroca, com algumas passagens pela Série A, foi contratado em dezembro de 2024 para comandar a equipe no Campeonato Paulista. Mesmo com o bom desempenho dos jogadores, ao se classificar para o mata-mata do Campeonato Estadual, a relação do técnico com a equipe durou pouco, resultando na rescisão em comum acordo em fevereiro.

O término de contrato do técnico fez o clube repensar o rumo que iria ser tomado para a continuidade da temporada. Assim, chegaram ao nome do técnico Rafael Guanaes, inexperiente treinador, que seria o principal responsável pelo sucesso da equipe.

Perto do início do Brasileiro, o Mirassol era apontado pela imprensa nacional como o provável lanterna do campeonato, mesmo após um bom Paulistão da equipe, sendo eliminado pelo campeão Corinthians. Sobre isso, Gustavo Villa afirma que os torcedores não tinham ideia de que a equipe teria boas colocações na disputa.

Comandados por Guanaes, o Leão se tornou a sensação do torneio já nas primeiras rodadas. A primeira vitória do Mirassol na Série A veio em uma goleada por 4 a 1, em casa, contra o Grêmio, na quarta rodada.

O time continuou a surpreender, com vitórias sobre São Paulo, Corinthians, Santos etc. Além do técnico, as figuras de destaque da equipe são Walter, Reinaldo e o meio campista Danielzinho, que desde 2023 é o protagonista da equipe. Hoje, o time briga por uma vaga para disputar pela primeira vez uma competição internacional.



© Reprodução Getty Images

**O elenco da equipe do Mirassol que disputa a série do Brasileiro em 2025**

# Copa América Feminina 2025 mostra descaso com o futebol feminino

*Apesar de partidas competitivas e da presença de estrelas, a competição recebeu visibilidade restrita da imprensa e do público*

Por Gianna Flores, Isabelle Muniz e Maria Mielli

Arquibancadas vazias, transmissão limitada e pouca divulgação. Assim foi a Copa América Feminina 2025, realizada entre 11 de julho e 2 de agosto no Equador, sem o brilho que um dos principais torneios da modalidade deveria ter.

Mesmo com seleções tradicionais e jogadoras consagradas em campo, a competição da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) não alcançou o grande público.

Os ingressos só começaram a ser vendidos uma semana antes do início do torneio e, nos estádios, a presença de torcedores foi mínima. O contraste com a Eurocopa Feminina, que bate recordes de público e audiência, expõe como a falta de visibilidade ainda limita o crescimento do futebol de mulheres na América do Sul.

A baixa presença de público também é evidente: a média na primeira fase foi de 300 espectadores, enquanto a final contou com 23.978 torcedores. Apesar de ingressos acessíveis no valor de US\$3 a US\$5, equivalente a, aproximadamente, R\$15 e R\$25, o baixo interesse não se deve apenas a fatores econômicos.



O Brasil se consagrou campeão da Copa América de 2025

Entre os motivos apontados para o baixo público, estão: deficiência na promoção do evento e mídia local limitada, ausência de políticas públicas e estratégias institucionais de valorização do futebol feminino, e falta de construção histórica e social da cultura torcedora.

A experiência europeia reforça essas conclusões. A Eurocopa Feminina deste ano, por exemplo, bateu recorde de público da competição, com um total de 657.291 espectadores nos estádios da Suíça. Em entrevista ao **Contraponto**, Ana Thais Matos, jornalista da TV Globo, afirmou que, ao contrário do que muitos dizem, há sim o interesse público em

assistir aos jogos do campeonato feminino. "A final [da Copa América Feminina] na TV Globo alcançou mais de 30 milhões de pessoas", declarou.

Se os dados mostram que existe este interesse, por que ainda é tão difícil ver a valorização do esporte feminino? A jornalista afirma que "faltam núcleos direcionados para, de fato, fazer crescer a cobertura em todas as mídias, especificamente a mídia tradicional e hegemônica".

As atletas, durante duas rodadas, não puderam se aquecer em campo e tiveram que realizar o preparo pré-jogo em um espaço pequeno e precário dentro do vestiário. Elas só conseguiram o direito ao aquecimento ideal porque nomes como o técnico brasileiro Arthur Elias e a atacante Marta realizaram denúncias públicas cobrando mudanças da instituição.

Uma pesquisa comandada pelo docente da Western Sydney University, da Austrália, Jorge Knijnik e Ana Costa, no livro *Women's Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives Vol 1. Brazil*, diz que a carência de público é uma

resposta à falta de políticas públicas e culturais de investimento no esporte.

"Em países onde a modalidade não conta com ligas nacionais consolidadas, investimento em categorias de base ou integração com clubes de grande expressão, a adesão popular aos torneios internacionais tende a ser episódica e frágil", aponta trecho do livro.

Segundo Ana Thais, melhores horários, maiores cobranças das federações, e da própria Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para com os clubes em colocar os times em estádios melhores, seriam maneiras de alavancar a modalidade. Além disso, para que haja maior visibilidade, é necessário o envolvimento de pessoas realmente comprometidas com o futebol feminino.

Em 2027, a sede da Copa do Mundo Feminina será o Brasil. Após tentativas mal-sucedidas, como a de 2023, que não se concretizou por ausência de apoio governamental, o país sul-americano receberá, pela primeira vez, a atenção mundial nesta competição tão importante para o futebol feminino.



Ana Thais Matos foi comentarista na final desta edição da Copa América Feminina

Oito cidades já estão confirmadas entre as sedes: São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza, Recife, Salvador, Porto Alegre e Rio de Janeiro, local da abertura e final no icônico Estádio do Maracanã. As expectativas para a transmissão e prestígio do campeonato estão mais altas do que nas edições anteriores e a tendência é de crescimento.

A jornalista afirma que, apesar dos direitos ainda não terem sido vendidos, há otimismo sobre a notoriedade da Copa: "acredito na maior cobertura e visibilidade de todos os tempos".

O mercado de transmissão está se movimentando e os direitos de exibição estão sendo altamente disputados. CazéTV, ESPN e Grupo Globo enviaram propostas à Federação Internacional de Futebol (FIFA) em 10 de dezembro de 2024, e a Netflix já reservou os direitos nos Estados Unidos e Porto Rico.

A FIFA, por sua vez, tem como meta uma receita aproximada de US\$1 bilhão, equivalente a R\$5,6 bilhões com a Copa do Mundo Feminina, valor que, segundo a entidade, será reinvestido no desenvolvimento do futebol feminino. A meta apresentada por Gianni Infantino, presidente da Federação, representa quase o dobro da receita da Copa de 2023, que foi de US\$570 milhões, realizada na Austrália e Nova Zelândia.

Além da questão financeira e de entretenimento, o evento é visto como um momento de transformação social, trazendo grandes impactos.

Para o Ministério do Esporte, a vinda da maior competição de seleções femininas ao Brasil não é apenas uma celebração do esporte, mas também a garantia e o compromisso com a equidade e a inclusão, além de fortalecer o futebol feminino e o legado social em todas as regiões do país.

Mais do que sediar um grande torneio, a proposta é impulsionar a economia, criar oportunidades pelo Brasil, além de transformar narrativas e fortalecer o protagonismo das mulheres no esporte.

## As dores da prata

Por Eduardo Bettini

**AS MEDALHAS DA COPA AMÉRICA DE RUGBY COM CADEIRA DE RODAS** estavam para ser entregues, todo mundo meio que sabia o resultado, mas isso não tirava o cheiro da tristeza na arquibancada, o Brasil lutou como nenhuma outra seleção antes havia, e perdeu tal qual todas as outras.

O apoio à modalidade no Brasil, comparado aos Estados Unidos, é um dos fatores que faziam desse jogo uma provável derrota, afinal o esporte vinha crescendo agora no país sede, o que comparado com o nosso oponente ocorre com cerca de 30 anos de atraso.

O jogo épico contra o Canadá (país inventor da modalidade) abriu a leve expectativa do “e se...” afinal os canadenses são uma das maiores potências do “murderball” e perderam para a seleção brasileira que vinha fazendo um torneio excepcional, então, um dos piores sentimentos para uma zebra foi dado, a esperança. As medalhas de bronze haviam sido entregues aos apáticos jogadores canadenses, pela primeira vez eles não foram para a final.

Perto da saída deu para ver alguns jogadores da Colômbia assistindo à premiação, um mísero ponto os tirou daquele pódio, cabisbaixos eles fitavam o time inteiro do Canadá com um olhar que misturava decepção e inveja, o mesmo do sentimento canadense naquele pódio.



A torcida “Verde e Amarelo” estava lá em peso com seus tambores e vuvuzelas, no início todos animados, chegaram até a criar um clima “hostil” para os americanos, porém à medida que os EUA pontuavam o ânimo do movimento caía junto. A cada pancada que os jogadores estadunidenses davam nos brasileiros o clima piorava cada vez mais, a ideia da derrota aos poucos foi se instaurando no imaginário dos torcedores presentes, a ponto que no terceiro quarto o jogo estava já decidido e a torcida se conformou com a ideia de perder.

Lembro de me pegar pensando “esse jogo já era” ainda faltando um quarto, o que era arrasador, pois dava para ver o esforço dos atletas brasileiros, e dava para ver o tédio arrogante americano, jogavam sem intensidade nenhuma, e com uma estratégia de certa maneira covarde, todos fechados no seu campo de defesa, nem nos deram o direito de lutar.

Os brasileiros estavam em fila esperando o prêmio por sua derrota, assim que a prata foi entregue, a torcida presente explodiu quase como em um gol. Os gritos de “guerreiros, time de guerreiros” ecoaram pelo centro de treinamento paralímpico e, naquele momento, apesar do resultado do jogo, a cara de cada atleta estampava uma expressão de vitória. A bandeira brasileira foi estendida e todos comemoraram a medalha com a alegria que ela tanto merece, um resultado do suor de todos lá presentes, apesar do resultado aquele sentimento por si só era uma vitória e eles sabiam disso, nós na torcida também.

Ao final, a hora da mais desejada medalha havia chegado, o ouro reluzente brilhava nas faces americanas, um olhar meio indiferente, mas ainda assim orgulhosos por fazerem seu trabalho bem-feito. O time americano agora levantava a taça, com confete caindo e tudo mais, quase como uma cena de videogame. E, então, como manda o protocolo, o hino norte americano foi tocado, igual todas as edições do torneio. Logo após, os jogadores se cumprimentaram e todos seguiram com suas vidas. Em 2026, o Brasil será sede da Copa do Mundo de Rugby em Cadeira de Rodas, quem sabe quais emoções essa competição nos proporcionará?

# Você vai aprender a gostar de mim

A turva linha entre amor e obsessão de “Dias Perfeitos” foi adaptada para a televisão

Por Isabelle Rodrigues

“Dias perfeitos”, publicado em 2014, pelo polêmico autor Raphael Montes ganha nova versão na série da GloboPlay. Mas o que torna essa obra tão especial? Simples: a presença corrosiva de Téo, um narrador nada confiável.

É comum na literatura encontrar diferentes tipos de narrador, seja o onisciente, onipresente ou até como um personagem. A diferença aqui é que Raphael Montes constrói um personagem que narra a história construindo uma conexão com o leitor, Téo envolve todo mundo ao contar um romance – quase como se você estivesse no bar com um amigo próximo.

Ao longo do livro, Montes brinca com esse narrador não confiável, que conta sua vida como um simples enredo de novela. Téo é um auto retrato de vítima, um inocente que acabou no meio de uma situação complicada. Não é a primeira vez que o autor utiliza esse recurso, em seu livro de estreia “Suicidas” também se deve desconfiar muito do narrador.



Capas de Dias Perfeitos

“Dias Perfeitos” consegue enganar e embulhar o estômago do leitor a cada página. A apresentação de Téo no início da história convence o público de que ele é um estudante de medicina metódico e sem muita expressão. Sua única e melhor amiga é Gertrudes, o cadáver da aula de necropsia. Filho de uma família influente, porém em ruínas, vegano e aparentemente religioso, ele encarna aquele famoso personagem chato, daqueles certinhos demais, até a chegada dela: Clarice.

Clarice é um contraste drástico do narrador: estudante de história da arte, escritora amadora, vivendo sua vida de forma caótica, regada a álcool, drogas e uma sexualidade bagunçada. O primeiro encontro da dupla acontece em um churrasco, Téo descreve a conversa como um filme de romance, tudo flui naturalmente

e rola até mesmo beijo de despedida, até a virada de página.

Téo persegue Clarice, a seda e sequestra, e narra cada detalhe para o leitor. Nesse momento vem o choque: será que aquele primeiro encontro romântico realmente aconteceu como o narrador descreveu?

Lentamente a obsessão de Téo avança, tomando conta de todo o livro. Vemos como os piores traços de sua psicopatia torturam e sujeitam Clarice a viver aquela farsa de relacionamento. Nunca é demonstrado quem a garota realmente é, ela é o tempo todo manipulada pelas expectativas de seus pais e seus “defeitos” situados por Téo.

“Isso não é paixão, é doença, obsessão. Qualquer coisa, menos amor.”

É aí que entramos na dramatização de “Dias Perfeitos” para a série. A roteirista Claudia Jouvin e a diretora Joana Jabace tomaram algumas escolhas criativas que finalmente deram acesso à perspectiva de Clarice. Além de adicionar dinamismo na história, com a alteração dos pontos de vista entre os segmentos, a personagem tem espaço para ser mais humana e não apenas a vítima de um stalker.

Um belo exemplo dessa nova perspectiva da série é a cena do churrasco, que evidência as diferentes interpretações do encontro. O flerte insinuado por Téo nunca aconteceu. O dito beijo de cinema? Foi uma vingança contra o namorado de Clarice. A nova narrativa toma o cuidado de não limpar a imagem de Clarice, ela não é perfeita, mas esclarece muitos dos pontos de interrogação deixados pelo livro.

Téo utiliza os meios mais absurdos para manter seu controle sobre Clarice, mantendo ela sedada dentro de uma mala ou presa na cama de uma cabana na praia. Tantos momentos traumáticos causam um impacto gigantesco na saúde mental de Clarice, que passa a desejar a própria morte. No clímax da história, consegue uma breve porém satisfatória vingança, prendendo Téo e tentando se afogar no mar.

Existem três versões do fim dessa história: a do livro, a versão de colecionador e a da série. Originalmente, Téo consegue evitar que Clarice se mate e opera nela na mesa de jantar da cabana, deixando-a tetraplégica de propósito. Mas ela não desiste de fugir dessa tortura e causa um acidente de carro, porém, após ambos se recuperarem, tragicamente Clarice acorda sem memória dos últimos anos, criando um álibi perfeito para os acontecimentos das últimas semanas.

© Reprodução: GloboPlay



A dupla é interpretada por Julia Dalavia e Jaffar Bambirra

A história termina de forma amarga, com os protagonistas casados e com uma filha a caminho, que, ironicamente, será chamada Gertrudes. Esse final combina perfeitamente com uma discussão que os protagonistas tiveram anteriormente sobre a melhor forma de se terminar um filme, em que Clarice defende que é necessário deixar público decidir no que deve acreditar.

Na versão de colecionador do livro, a protagonista morre no acidente de carro. Ao ver o cadáver de Clarice ao seu lado, Téo entra em surto e decide renomeá-la de Gertrudes. As duas versões escritas por Raphael Montes, se enquadram melhor na visão de Téo sobre o final dos filmes: segundo sua personalidade metódica, um bom filme precisa de um final fechado com todas as pontas amarradas.

Já na série, após o acidente, Clarice recupera sua memória aos poucos, fechando aos poucos o cerco em volta de Téo, que após ser drogado é entregue à polícia. Finalmente pagando por seus crimes e dando liberdade plena à Clarice, que decide por si mesma finalmente mudar o curso de sua vida.

Independente da versão, todos passam a mesma mensagem, escondida ali em todos os livros de seu autor. A maldade humana não tem limites, seja entre orquestrar um suicídio coletivo, seja sequestrar alguém, seja o canibalismo, Raphael Montes sabe causar desconforto como ninguém. Diferente de outros vilões clássicos, não há como admirar seus personagens, nenhum deles tem qualquer capacidade de redenção e suas vitórias não devem ser comemoradas, elas servem como aviso sobre a violência da sociedade moderna.

Entre suas polêmicas, o autor coleciona acusações de misoginia e incitação da violência de gênero, porém é possível argumentar que Montes narra o terror da sociedade moderna – os piores monstros não estão debaixo da cama, mas sim em posições socialmente privilegiadas. Afinal, Téo é um homem branco, futuro doutor e que utiliza de seu privilégio social diversas vezes na narrativa, com sua palavra raramente sendo questionada ou desafiada.

# Alien: Earth – Uma Expansão Televisiva Magistral da Franquia

*Hawley reinventa Alien com maestria, honrando o legado cinematográfico e expandindo o universo através de reflexões sobre humanidade e capitalismo predatório*

Por Wildner Felix Cerqueira dos Santos

Noah Hawley conseguiu um feito notável com “Alien: Earth”, transformar uma das franquias de terror espacial mais icônicas do cinema em uma série que expande de forma inteligente o universo criado por Ridley Scott, em 1979. O seriado da FX, que estreou em agosto de 2025, é o primeiro da franquia Alien e estabelece um novo padrão para adaptações de histórias do cinema para a televisão.

Ambientada em 2120, apenas dois anos antes dos eventos do filme original “Alien: O Oitavo Passageiro”, a série nos apresenta uma Terra governada por cinco corporações poderosas: Prodigy, Weyland-Yutani, Lynch, Dynamic e Threshold. Este contexto político e social estabelecido pela série é intencional e está profundamente conectado com as críticas corporativas que sempre foram centrais à franquia.

A história se inicia quando uma misteriosa nave espacial, a USSC Maginot, sofre um acidente e cai na Terra. A bordo, espécimes alienígenas coletados em missões espaciais – incluindo os temidos facehuggers – são liberados, colocando toda a humanidade em perigo. A protagonista Wendy (Sydney Chandler), um híbrido humano-sintético, junto com um grupo de soldados táticos, deve enfrentar não apenas a ameaça xenomórfica, mas também as implicações políticas e morais de sua própria existência.

terror visceral, criando camadas de significado que enriquecem cada episódio.

Noah Hawley, conhecido por seu trabalho aclamado em “Fargo” e “Legion”, traz para “Alien: Earth” sua assinatura visual distintiva e sua habilidade de equilibrar elementos aparentemente contraditórios. O criador consegue manter a tensão claustrofóbica característica da franquia mesmo quando a ameaça é de escala planetária – um desafio técnico e narrativo considerável.

A direção de Hawley se destaca pela paciência narrativa. Em uma era de entretenimento acelerado, ele escolhe construir a tensão gradualmente, permitindo que os personagens se desenvolvam organicamente antes de desencadear o horror. Esta abordagem de *slow-burn* pode inicialmente frustrar espectadores acostumados com gratificação imediata, mas resulta em momentos de terror genuinamente impactantes quando finalmente chegam.

Visualmente, a série é espetacular. Hawley e sua equipe criam um mundo futuro que é tanto familiar quanto alienígena. A produção consegue capturar a estética e a atmosfera dos filmes originais enquanto incorpora elementos visuais modernos. A cinematografia claustrofóbica, os ambientes industriais decadentes, e a paleta de cores característica criam uma continuidade estética que satisfaz tanto fãs quanto newcomers. Hawley consegue o difícil equilíbrio de inovar dentro de parâmetros estabelecidos.

A atuação também merece destaque especial. Hawley extraiu performances com muita nuance de todo o elenco, mas é particularmente hábil em dirigir Sydney Chandler. A jovem atriz consegue transmitir a dualidade de sua personagem – parte humana, parte sintética – sem recorrer a maneirismos óbvios. Timothy Olyphant, Alex Lawther e o restante do elenco criam um conjunto convincente de personagens que transcendem os arquétipos típicos do gênero.

Uma das maiores forças de “Alien: Earth” é como ela se conecta com os filmes da franquia sem se tornar refém deles. Hawley demonstra profundo conhecimento e respeito pelo material original, incorporando elementos familiares de forma orgânica à nova narrativa.

A série funciona como uma prequela, fornecendo contexto para eventos futuros sem comprometer sua própria integridade narrativa. A presença da Weyland-Yutani como uma das corporações dominantes estabelece conexões diretas com os filmes, mas a série evita o *fan service* gratuito. Em vez disso, ela usa esses elementos para aprofundar a mitologia estabelecida.

© Reprodução/site: BoletimNerd



Terra envolvida por tentáculos alienígenas, criando uma imagem de ameaça cósmica onde o planeta se torna vulnerável à invasão extraterrestre

Os xenomorfos mantêm seu design icônico e sua natureza aterrorizante. Hawley compreende que o verdadeiro horror da criação de H.R. Giger reside não apenas na aparência, mas no conceito de um predador perfeitamente adaptado para caçar humanos. A série explora a diversidade biológica dos alienígenas sem comprometer a consistência visual estabelecida pelos filmes.

Mais importante ainda, “Alien: Earth” captura o espírito temático dos melhores filmes da franquia. As questões sobre exploração corporativa, o valor da vida humana versus lucro, e a natureza da humanidade versus artificialidade são tratadas com a seriedade intelectual característica da história.

“Alien: Earth” está alinhado com o momento cultural atual, quando questões sobre inteligência artificial, exploração corporativa e sustentabilidade planetária dominam o discurso público. A série usa sua premissa de ficção científica para comentar sobre dilemas contemporâneos, mantendo-se relevante sem ser pesadamente didática.

A representação de um futuro onde corporações governam diretamente a humanidade levanta preocupações atuais sobre o poder crescente de mega-corporações tecnológicas. Hawley não faz paralelos explícitos, mas permite que os espectadores façam suas próprias conexões.

Com uma aprovação crítica de 95% no Rotten Tomatoes e recepção entusiástica tanto de críticos quanto de fãs, “Alien: Earth” estabelece um novo padrão para expansões televisivas de universos cinematográficos. A série demonstra que é possível ao mesmo tempo honrar o legado original enquanto cria algo genuinamente novo e relevante.



© Reprodução/site: CinemasComics

Terra iluminada contrastando com a cabeça ameaçadora do Xenomorfo, sua mandíbula dupla entreaberta gotejando saliva contra o espaço negro estrelado

O que torna a narrativa particularmente envolvente é como Hawley utiliza este cenário para explorar questões contemporâneas. A série não se limita a ser um thriller de sobrevivência; ela questiona a própria natureza da humanidade e se nossa espécie merece sobreviver. Esta abordagem filosófica eleva o material acima do

# Jesus, Silas e Jair: documentário exhibe o avanço da religião sobre a política

Filme mostra como as igrejas evangélicas influenciam em tomadas de decisões no Brasil

Por Khauan Wood

Lançado em julho de 2025 nos cinemas brasileiros, “Apocalipse nos Trópicos”, produzido pela cineasta Petra Costa, indicada ao Oscar de Melhor Documentário com “Democracia em Vertigem” (2019), mergulha no movimento protestante no Brasil nos últimos dez anos e mostra seus impactos na política brasileira.

O longa foi destaque no cenário internacional e exibido no 81º Festival Internacional de Veneza de 2024 e o lançamento oficial ocorreu na plataforma de streaming Netflix. O filme contou, ainda, com coprodução dos Estados Unidos e Dinamarca e entre as empresas envolvidas estava a Plan B, de Brad Pitt.

Ao longo das quase duas horas de duração, a documentarista fala com figuras proeminentes do evangelicalismo e da política nacional, como o pastor Silas Malafaia, líder da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), e o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (PT).



Presidente Lula é uma das figuras centrais do documentário

O filme acompanha internamente o ambiente dos templos religiosos e dos cultos realizados pelos fiéis. Com um olhar sensível, sutil e perspicaz, Petra mostra o convívio dos protestantes de uma forma diferente do cotidiano: dentro do dia-a-dia.

A cena de abertura foi filmada em 2016, quando a documentarista cobria o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT). Nela, o então deputado Cabo Daciolo, à época filiado ao PT-doB, hoje conhecido como Avante, orava junto de outras pessoas pela Câmara dos Deputados, ungindo o plenário.

De forma clara e direta, o documentário aborda como a fé cristã e o meio evangélico foram utilizados como máquina de

manobra para que o extremismo avançasse sobre o país e que os espaços públicos, antes de livre debate, se tornassem palco de intolerância, silenciamento e controle ideológico.

A cineasta, que admite ter lido a Bíblia essencialmente pela primeira vez durante a preparação do filme, utiliza sua narração para guiar o público através de sua investigação sobre como a fé cristã se realinhou no centro do poder brasileiro.

O filme explora como Bolsonaro e Malafaia combinaram discurso espiritual e um projeto populista durante a campanha presidencial, com Malafaia atacando e exigindo o afastamento de “malucos de esquerda”. Além disso, aborda a criação de um plano de poder baseado em interpretações exacerbadas da Bíblia, principalmente do livro do Apocalipse.

Um dos conceitos centrais abordados é a teologia do domínio, corrente que prega que cristãos devem assumir todas as posições de poder com o objetivo de dominar o executivo, legislativo e judiciário, desafiando as bases democráticas, especialmente a separação entre Igreja e Estado.

O filme mostra que, durante a Pandemia, boa parte da comunidade evangélica, além de oferecer apoio, promoveu o negacionismo e interpretou a COVID-19 como um sinal do fim do mundo.

O documentário reúne, também, imagens registradas ao longo de uma década, revelando os bastidores da aproximação entre religião e política, culminando em momentos como os eventos de 8 de janeiro de 2023. Quando centenas de

pessoas invadiram e vandalizaram a sede dos Três Poderes, em Brasília.

O crescimento evangélico, que, segundo o IBGE, saltou de 5,2% para 26,9% da população brasileira nos últimos 50 anos, é tratado como “uma das mudanças religiosas mais rápidas da humanidade” e um fator decisivo que remodelou o cenário político.

A obra representa um arquivo importante que reúne imagens, discursos e eventos marcantes do processo político recente brasileiro, o que é considerado crucial para a compreensão do Brasil contemporâneo.

Para um público externo, oferece uma visão clara e impactante da ascensão da

extrema-direita e da influência evangélica no Brasil, com paralelos que podem ser traçados até mesmo com a política norte-americana.

A curiosidade genuína de Petra Costa e seu interesse em entender pessoas com visões diferentes são qualidades notáveis de sua direção. O documentário tem o mérito de provocar debates cruciais sobre a teologia do domínio e a fusão entre fé e política.

Apesar de suas inegáveis virtudes, o documentário levanta críticas e provoca debates importantes. Por exemplo, a excessiva presença de Malafaia e o grande foco nas falas do pastor lhe dão um tamanho maior do que ele realmente representa dentro da diversificada comunidade cristã.

A concentração do documentário em torno dele causa uma possível impressão de que Silas seria o principal líder do movimento no Brasil. Ignorando outras grandes igrejas que também foram fundamentais para o uso da fé dentro da política, como por exemplo as Assembleias de Deus do Belém e de Madureira, Igreja Apostólica Renascer em Cristo, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Batista Lagoinha, entre outras.

Além disso, a obra não se preocupa em retratar a igreja evangélica em sua totalidade, composta por pessoas de fé genuína e não apenas por pastores ambiciosos. A narrativa, não traz, por exemplo, o fato de que evangélicos podem ser críticos e nem todos são de direita, como a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva (Rede-SP), e a deputada Benedita da Silva (PT-RJ), que poderiam ter contribuído com perspectivas valiosas.

No geral, o filme serve como um espelho da cena política brasileira recente, oferecendo um registro importante para entender o Brasil contemporâneo. A riqueza da discussão reside justamente em suas ambiguidades e nos diferentes pontos de vista que suscita. A obra convida a uma reflexão não apenas sobre a influência religiosa na política, mas também sobre a própria maneira como construímos narrativas sobre esses fenômenos.

Apesar de algumas falhas na representação dos evangélicos no Brasil, o documentário, oportuno e necessário, estimula a não ignorar as dinâmicas entre fé e poder que moldam o futuro do país. “Apocalipse nos Trópicos” se torna uma ferramenta potente para o debate, incentivando a pesquisa, a análise crítica e o diálogo sobre os rumos da democracia e da sociedade em nosso país.

## Ensaio fotográfico Manifestações de bolsonaristas no 7 de setembro

Por Daniela Cid, Pedro Lima e Victoria Franzoso Ignez

No dia 7 de setembro de 2025, último domingo, apoiadores de Jair Messias Bolsonaro ocuparam a Avenida Paulista para protestar a favor de sua anistia. Uma grande bandeira americana cobriu a multidão em meio a menores bandeiras do Brasil enquanto cantava-se o hino nacional brasileiro. Apoiadores do PL, como Silas Malafaia, Tarcísio de Freitas e Michele Bolsonaro subiram no trio elétrico para protestar contra as decisões do STF.



© Daniela Cid



© Daniela Cid



© Daniela Cid



© Daniela Cid



© Daniela Cid

## **Mercado de carbono: não é dinheiro que se respira**

Apesar de grande potencial no  
combate ao aquecimento global,  
prática requer moderação em todos  
os sentidos da palavra

